

CORRESPONDÊNCIA ENTRE
D. PEDRO II E O
BARÃO DO RIO-BRANCO
(de 1889 a 1891)

281
3233
1.000.

Exemplar N.º 111

1957

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

Correspondência entre D. Pedro II e o Barão do Rio-Branco

Apresentação de
MIGUEL DO RIO-BRANCO

Do Instituto de Coimbra

981
2323
1/1

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

POESIA MODERNA BRASILEÑA — *Cursos*

Libres de Portugues y Estudios

OBRAS DO AUTOR:

Brasileños — Rosário, Argentina,
1952.

DE 1750 — *Os Cadernos de Cultura*

ALEXANDRE DE GUSMÃO E O TRATADO
— Serviço de Documentação do
Ministério da Educação e Saúde
— Rio de Janeiro, 1953.

ETAPAS DE LA POESIA BRASILEÑA —
Talleres Gráficos Corin, Luna y
Cia. — Buenos Aires, 1953.

ETAPAS DA POESIA BRASILEIRA —
Livros do Brasil — Lisboa, 1955.

INTRODUÇÃO À MODERNA POESIA
BRASILEIRA — Separata da revista
Cidade Nova, Edições Sepes,
Coimbra, 1956.

BIBLIOTECA
CENTRAL

UNIVERSIDADE DO BRASIL

SEÇÃO REGISTRO

ANO 1957 N. 382

A

S. A. I. Dona Teresa de Orleans e Bragança
*com a minha respeitosa e mui sincera
amizade*

Lisboa, 1956

NOTA PRÉVIA

Pouco antes de sua morte, em 1948, tive ocasião de encontrar-me em Paris com minha tia, Hortência Hamoir do Rio-Branco. Não sei se ela já pressentia os primeiros sintomas do mal que havia de pôr fim, pouco depois, a uma vida tóda de bondade e de cultura. O fato é que, naqueles dias que passamos juntos — os últimos — ela deu-me, a fim de guardá-los com o máximo cuidado, dezanove telegramas e cartas de texto ainda inédito, dirigidos pelo Imperador D. Pedro II ao Barão do Rio-Branco. São êstes documentos que, agora, ofereço ao leitor. Haverá quem aponte o pouco interêsse — no quadro geral da nossa História — destas missivas, o que é um ponto de vista perfeitamente justificável. O teor desta correspondência não vem, de fato, revelar nada de transcendental, nem tampouco revolucionar o que se sabe a respeito da nossa História, embora modifique alguns conceitos emitidos a respeito de D. Pedro II e do

Barão do Rio-Branco. Estas cartas e êstes telegramas antes do mais, vêm confirmar a verdadeira compreensão e a sincera amizade que uniam, naquela época, o Imperador do Brasil e o então Cônsul do Brasil em Liverpool e testemunhar o profundo patriotismo dêstes dois grandes brasileiros. Apesar de não terem uma importância primordial, creio que a sua publicação não deixa de se revestir de certa utilidade, pois parece-me que qualquer documento inédito é sempre uma peça a mais que se oferece ao historiador para ajudá-lo a reconstituir o retrato e a personalidade de uma ou outra figura da História.

Foi o professor Américo Jacobina Lacombe, que muito me honra com a sua amizade, quem, ao passar por Lisboa, me entusiasmou com a idéia de publicar essas cartas, e quem, do Rio de Janeiro, vem insistindo em que eu concretize êsse projeto. Ei-las, portanto, precedidas de umas poucas considerações e completadas com o texto das cartas correspondentes expedidas pelo Barão do Rio-Branco a Dom Pedro II bem como, vez ou outra, de cartas de Rio-Branco ao Conde d'Eu e ao Barão de Ramiz.

APRESENTAÇÃO

São diversas as observações de certo interesse que se podem recolher da leitura destas cartas e dos telegramas dirigidos por Dom Pedro II ao Barão do Rio-Branco, no período que vai de 24 de abril de 1889 a 12 de junho de 1891.

A importância dada por D. Pedro II ao estudo *Brésil*, que Rio-Branco preparava então, assim como aos diversos artigos destinados à *Grande Encyclopédie*, patenteia-se ao longo de tôdas as cartas aqui publicadas. Como se pode verificar da leitura do telegrama de 24 de abril de 1889, parece ter partido do Imperador a idéia de organizar a separata *Brésil*. O entusiasmo pela perfeita elaboração do mencionado artigo, a estreita colaboração que sempre se verificou entre D. Pedro e o Barão é positiva: rara a carta na qual o Imperador não mande informações, fotografias, dados estatísticos, etc.

No dia em que recebeu o telegrama acima citado, o Barão providenciou imediatamente a suspensão da impressão do artigo, conforme se pode verificar da carta por êle mandada, no dia seguinte, a Benjamin Ramiz Galvão (1).

“Ontem tive a honra de receber um telegrama de Petrópolis assim concebido: “Attendez corrigenda article *Brésil*. Suit paquebot 28 avril. Désire tirage à part article *Brésil* corrigé” (assinado) D. Pedro”.

Logo providenciei, e, apenas recebi resposta do Editor da *Grande Encyclopédie* de estarem dadas as ordens para que ficasse adiada a tiragem, tomei a liberdade de dirigir (hoje) o seguinte telegrama ao Imperador:

“Imperador — Petrópolis.

Ordem Vossa Majestade artigo *Brésil* cumprida. Tiragem ia começar hoje. Es-

1. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Barão (com grandeza) de Ramiz. Nasceu no Rio Grande do Sul, em 16 de junho de 1846 e faleceu em 1938; bacharel em ciências e letras pelo Colégio D. Pedro II; doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde foi lente catedrático. Foi bibliotecário da Biblioteca Nacional e preceptor dos Príncipes, filhos dos Condes d'Eu, até à proclamação da República.

peramos corrigenda" (assinado) Rio-Branco".

O original do telegrama recebido pelo Barão permite, também, comprovar a sua conhecida meticulosidade, já que consta do mesmo, integralmente escrito do seu próprio punho, o texto da resposta mandada ao Imperador, acrescentado das seguintes observações: "Expedido do Rio a 1,20 p.m. (= 4,20 de Liverpool). Recebido às 7,20. Levou, pois 3hs 8' a chegar. O meu telegrama, expedido às 11 da manhã deve chegar a Petrópolis às 11 da manhã". Essa volúpia dos pormenores é um dos aspectos curiosos de Rio-Branco, em plena contradição com aquela extraordinária desordem que o cercava, mas do meio da qual êle sabia extrair, no momento exato, o livro, o documento ou o mapa de que necessitava.

Talvez, como Boileau escrevera a respeito da epopéia, poderia dizer o Barão que naquelas mêsas tôdas carregadas de livros, mapas, papéis, fotografias e documentos, naquelas salas onde trabalhava, "un beau désordre est un effet de l'art".

Nesta mesma carta dirigida a Benjamin Ramiz Galvão e que encontrei necessário reproduzir neste trabalho, verifica-se que, até então, Rio-Branco nunca se havia correspondido diretamente com Pedro II:

“Eu não ousou escrever diretamente ao Imperador, e, pois, espero que V. me faça o favor de mostrar a Sua Majestade esta carta e de entregar-lhe as provas inclusas da tiragem à parte”.

Comprova também o enorme interesse do Imperador na publicação da separata *Brésil* o número de cartas mandadas a Rio-Branco num reduzidíssimo espaço de tempo. Vejamos: dia 24 de abril, um telegrama; dias 26 e 28 de abril, cartas; dias 8, 11, 26 e 28 de maio, cartas.

Da leitura destas missivas, conclui-se quanto o Imperador cooperou com Rio-Branco, tratando por todos os meios de fornecer-lhe o maior número possível de informações. Escreve êle em carta de 28 de abril:

“O artigo *Brésil* está muito bom. Revi-o, e fiz-lhe algumas observações à

margem, juntando outras do Olegário (2), e um trabalho sôbre a língua dos Indígenas do Brasil, que eu revi, foi feito pelo Dr. Seybold (3), meu mestre de línguas orientais.”

Esta carta de 28 de abril bem como aquela expedida por Rio-Branco a 7 de junho, vêm jogar abaixo uma lenda que, até hoje, todos aceitaram cegamente: aquela segundo a qual D. Pedro II teria sido

2. Olegário — Conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro. Nascido em São Paulo em 1828 e falecido no Rio de Janeiro em 1907. Magistrado e historiador, amigo íntimo do Imperador, foi gentil-homem da Imperial Câmara, Veador da Imperatriz, e Conselheiro do Estado extraordinário, Membro do Supremo Tribunal de Justiça e depois do Supremo Tribunal, tendo sido seu vice-presidente por 14 anos. Dados biográficos mais completos podem ser encontrados na obra de Laurênio Lago: *Supremo Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal*, Rio, 1940.

3. Seybold — Dr. C. Fritz Seybold, professor de línguas orientais do Imperador, substituiu o Dr. Carlos Henning. Acompanhou o Imperador na viagem que fez à Europa em 1887 e foi seu companheiro de exílio, conforme se pode verificar das informações prestadas pelo Conde de Afonso Celso: “As pessoas que compunham a comitiva imperial e também ali se alojaram eram, além dos condes d’Eu e seus filhos, o príncipe do Grão Pará, d. Luís e d. Antônio, o príncipe d. Pedro Augusto, a viscondessa de Fonseca Costa, o conde de Mota Maia e seu filho, os barões de Muritiba, o dr. André Rebouças, o sr. Fritz Seybold, d. Joana de Alcântara...” (*Contribuições para a Biografia de D. Pedro II*, pág. 807).

o autor do estudo *Quelques Notes sur la langue Tupi*, publicado em apêndice à segunda edição do *Le Brésil*.

Há-de reconhecer-se que, para aquêlê que ignorasse o teor dessas duas cartas, tudo se juntava para fazer acreditar que o Imperador tivesse de fato escrito o tal estudo. Primeiro, as linhas do prefácio da segunda edição:

“L'édition est enrichie de deux mémoires en appendice à la fin du volume. Le premier, sur la Langue tupi, nous a été adressé de Rio de Janeiro par un membre de l'Institut de France qui sait partager son temps entre les hautes préoccupations de la politique et le culte des lettres”.

Ao ler tal introdução, na qual o nome do autor não era mencionado, e ao juntar a isto a coincidência do artigo ser apenas assinado com três estrêlas, o leitor não podia deixar de pensar que aquêlê membro do Instituto (D. Pedro II possuía êsse título), que repartia o seu tempo entre as “altas preocupações da política” e as letras (quem mais do que D. Pedro II costumava dividir o seu dia entre as coisas do Estado e as das Letras?), que remetera o es-

tudo do Rio de Janeiro só podia ser o próprio Imperador; e que o mesmo desejo de guardar o anonimato não podia deixar de ser o autor dessas notas. A confusão estava em atribuir a autoria ao simples remetente.

Entretanto, já hoje não resta a menor dúvida de que o estudo sobre a língua tupi é de autoria de Fritz Seybold. Assim o afirma o Imperador e assim o confirma Rio-Branco quando, em anexo à sua carta de 7 de junho, remete diversos modelos da referência que deverá fazer no prefácio ao mencionado artigo e consulta o Imperador sobre qual das fórmulas lhe parece mais conveniente. Entre as fórmulas sugeridas por Rio-Branco, encontramos a seguinte:

“L'autre, sur la langue Tupy, a été rédigé d'après les notes qui nous ont été envoyées par Mr. le Dr. Seybold”.

Êstes dois fatos inutilizam a afirmação formulada por Afonso de E. Taunay (4) que, baseando-se na resenha dos trabalhos

4. VISCONDE DE TAUNAY, *O Grande Imperador*, S. Paulo, [1932], com um aditamento por Afonso de E. Taunay — p. 84.

literários do Imperador, feita por Matoso Maia Forte (5), escreveu:

“Entre outras arrola: a tradução para o português de trechos de *Isaiás* e de *Job*, dos *Psalmos*, do *Cântico dos Cânticos*, do *Livro de Ruth*, do *Prometeu acorrentado*, de poesias de Longfellow e de Manzoni, etc. E menciona ainda as *Impressões de viagem ao Egito e à Palestina*, *Algumas notas sobre a língua Tupi*, *Anotações à obra de Presensé: Les origines*, e o *Cancioneiro hebraico-provençal* . . .”

Também fica sem efeito a afirmação formulada por Aluizio Napoleão quando, ao referir-se ao mencionado artigo, escreve: “Êstes três asteriscos referem-se a um trabalho de D. Pedro II, sobre a língua tupi, publicado no fim da obra.” A carta de 7 de junho de 1889, de Rio-Branco a Pedro II, diz “Na 2a. edição aparecerão as gravuras feitas segundo as fotografias que Vossa Majestade teve a bondade de remeter-me, e aparece também o trabalho que Vossa

5. JOSÉ MATOSO MAIA FORTE, jornalista, sócio do Inst. Histórico, falecido em 1945. V. *D. Pedro II, notas próprias e alheias para uma biografia que não chegou a ser escrita* —, no *Jornal do Comércio* de 2-XII-1925 (Transcr. na *Rev. Inst. Hist.*, Tomo 98, p. 696).

Majestade mandou sôbre a língua tupi” (6). Realmente, êste pequeno trecho da carta pode deixar pensar que o trabalho mandado era de autoria do Imperador. Porém, se o autor de *O Segundo Rio-Branco* tivesse lido os projetos de redação, anexos à mesma carta, teria, com o conhecimento do texto que acima citamos, mudado a sua opinião a respeito do verdadeiro autor do estudo sôbre a língua tupi.

Mas, o que se conclui da leitura dessas duas cartas vem sobretudo inutilizar o trabalho de Rodolfo Garcia, *Dom Pedro II e as línguas americanas*, publicado no tomo 98 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro” (7), no qual o autor, ao afirmar peremptôriamente ser o Imperador o autor do estudo sôbre a língua tupi, opina que:

“De sua autoria são conhecidas, *Quelques notes sur la langue tupi*, que publicou E. Levasseur em *Le Brésil*, Paris, 1880 (sic) pgs. 89 a 91. Essa memória — disse o geógrafo francês — lhe foi enviada do Rio de Janeiro — *por um membro do Insti-*

6. *O Segundo Rio-Branco*, pág. 104, nota.

7. Ano de 1925, pág. 129.

tuto de França que sabe repartir o seu tempo entre as altas preocupações da política e o culto das letras. Embora publicada sem o nome do autor, essa declaração veio torná-lo mais que transparente, não só pelo título ali invocado, que no Brasil só competia a D. Pedro II, como ainda porque eram bem sabidos os pendores do monarca pelo assunto, que explorou proficientemente. Revela, de fato, aquêle trabalho, estudo acurado da matéria com informação segura das fontes bibliográficas, das modalidades dialectais, da morfologia e etimologia dos vocábulos. Sôbre a utilidade do ensino da língua tupi escreveu o Imperador estas palavras, que os muitos reformadores da instrução pública no Brasil nunca leram: *“A língua tupi tem para os brasileiros grande importância . . . O imperador tem mostrado desde muito tempo a vários de seus ministros a vantagem do ensino dessa língua” . . .*

“As notas de D. Pedro II podem ser consultadas com proveito pelos estudiosos que encontrarão nelas um resumo lúcido das principais regras do idioma “suave e elegante, mas estranho e copioso”, como disse o Pe. Luís Figueira. Pena é que

maiores contribuições não lhe trouxesse aquêlê que, se não tivesse nascido imperador do Brasil, desejaria ter sido mestre de escola; mas não se nos afigura impossível que entre os papéis do seu arquivo particular, que se encontra no Castelo d'Eu, em França, existam outros estudos de sua lavra nêsse sentido”.

Dois dias depois, nova carta a Rio-Branco, a quem remete o Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro, uma fotografia do edifício do Pôsto fiscal e um folheto sôbre o Panorama do Rio de Janeiro. No dia 8 de maio, mais uma remessa de informações; três dias depois, novo envio de fotografias. Passam-se mais umas duas semanas e D. Pedro remete um artigo de Barbosa Rodrigues (8) sôbre a língua geral dos Caboclos,

8. Barbosa Rodrigues — Dr. João Barbosa Rodrigues, nascido em 1842 em Minas Gerais. Naturalista brasileiro, o mais notável botânico que o Brasil possui depois de Freire Alcmão; fundou o Museu Botânico de Manaus, do qual foi diretor até 1889, quando foi nomeado diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cargo que ocupou até à sua morte em 1909. Sua Biografia, feita por Hermann von Ihering, foi publicada na Revista do Museu Paulista em 1910. É autor do *Sertum Palmarum Brasiliensium*, publicado pelo Governo brasileiro em 1903, a que deve a reputação científica nos estudos de sua especialidade no domínio botânico. Publicou também, em 1888, *A Língua Geral do Amazonas e o Guarani*; em

e, com um intervalo de dois dias, um trabalho sôbre os índios Caingangs, de autoria de Taunay (9).

Êstes fatos permitem realizar plenamente as atividades do Imperador, verdadeira safra de dados sôbre o Brasil à qual êle devia estar procedendo no Rio de Janeiro, a fim de mandar tudo para Rio-Branco. Comprova também o grande patriotismo daquele homem que, nos meses em que se preparava a tormenta que iria derrocá-lo do Trono, no meio dos problemas criados pela crescente indisciplina do exército, achava tempo para preocupar-se com a elaboração de uma obra na qual o seu nome nunca apareceria, mas que devia tornar o Brasil mais conhecido e melhor compreendido, não só na França, mas, dada a enorme importância da *Grande Encyclopédie*, em tôda a Europa.

1889, o *Muirakeytã*; em 1890, a *Poranduba Amazonense*. O artigo mencionado na carta de D. Pedro II deve ser o trabalho sôbre a língua geral do Amazonas.

9. Taunay — Visconde de Taunay — Nasceu no Rio de Janeiro em 1843 e faleceu na mesma cidade em 1899. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, romancista e historiador, mais conhecido pelas suas obras *Inocência e Retirada da Laguna*.

Se muito se interessava pelo conteúdo da obra, pelo “substancial tutano” da mesma e pelo seu caráter informativo, o Imperador não desdenhava por isso a apresentação da separata; diversas vêzes se preocupa com tal assunto e a êle se refere em suas cartas:

“Mande imprimir cinqüenta exemplares dêsse artigo à parte, no formato melhor, no papel melhor e com encadernação como sabem fazê-lo os inglêses”.

Volta ao assunto na carta de 11 de maio:

“Espero que o papel seja do melhor assim como o tipo, e até vinte exemplares de simples e boa encadernação inglêsa”.

Patenteia-se, pois, pela leitura destas cartas, a grande ajuda prestada por D. Pedro II a Rio-Branco na elaboração da famosa separata *Brésil*.

A primeira carta dirigida pelo Barão do Rio-Branco a D. Pedro II data do dia 7 de junho de 1889; mas não tenho infelizmente o documento — se é que o Imperador o fez pessoalmente — pelo qual Rio-Branco ficava autorizado a corresponder-se diretamente com êle. Nas cartas expedidas pelo Impe-

rador, nos meses de abril e maio, não existe a menor referência ao assunto. Mas não resta dúvida de que houve autorização, e isto podemos comprová-lo desde as primeiras linhas da mencionada carta de Rio-Branco:

“Senhor,

Eu peço a Vossa Majestade Imperial mil perdões pela demora com que agradeço a grande honra que Vossa Majestade me fez, e que é a maior de quantas tenho recebido da benevolência de Vossa Majestade...”

A carta de Rio-Branco é um longo e minucioso relatório das suas pesquisas, das consultas e entrevistas com historiadores, literatos e cientistas brasileiros e franceses, dos enormes esforços empreendidos para levar a cabo, da maneira mais completa possível, a elaboração da separata *Brésil*.

“Tenho estado êstes últimos tempos muito sobrecarregado de trabalho, deitando-me quase sempre às 3, 5 e 6 horas da manhã, e só para tomar repouso insuficiente pois preciso acudir à revisão de provas que me chegam de diferentes lados”.

Realmente, ocupava-se Rio-Branco, naquela época, da publicação da separata

Brésil; do resumo da História do Brasil para a obra *Le Brésil en 1889*; ⁽¹⁰⁾ da biografia de D. Pedro II (11) e dos artigos biográficos referentes ao Brasil, a serem incluídos na *Grande Encyclopédie*.

Esta primeira carta de Rio-Branco a D. Pedro II permite comprovar a minuciosidade com a qual o Barão preparou tôdas as suas obras e positiva a existência do que, hoje, chamaríamos o magnífico trabalho de *team* empreendido por êsses dois grandes brasileiros.

A dedicação e o cuidado que Rio-Branco dispensou na preparação dessas obras foram coroados de êxito, e o valôr informativo do *Le Brésil* foi reconhecido por todos aquêles que lamentavam a ausência completa de publicações que permitissem ao es-

10. *Le Brésil en 1889, avec une carte de l'Empire en chromolithographie. Ouvrage publié par les amis du Syndicat du Comité Franco-Brésilien pour l'Exposition Universelle de Paris, avec la collaboration de nombreux écrivains du Brésil, sous la direction de Mr. M. J. de Santa Ana Nery — Librairie Charles Delagrave, Paris, 1889.*

11. O exemplar oferecido pelos editores a D. Pedro II, impresso em papel *japon* acha-se hoje integrado na coleção do Chateau d'Eu, tendo figurado na exposição France-Brésil em 1955, no Hotel de Rohan, em Paris.

trangeiro ter uma idéia do que era o Brasil e o seu Império.

Rui Barbosa, embora estivesse então empenhado em vigorosa campanha política, publicou no *Diário de Notícias* de 14 de outubro de 1889, importante artigo de fundo sôbre essa obra, terminando com as seguintes palavras: “Quem quer que, de ora avante, quiser conhecer o Brasil, seu passado, sua evolução na atualidade, aí tem o pórtico e o estádio de iniciação, nessa monografia, à qual toca de direito lugar insuperável na estante de todos os brasileiros que traduzem o francês, enquanto uma boa versão em linguagem portuguesa a não puser na mēsa de trabalho de todos os que sabem ler” (12).

Como muito justamente observou Gilberto Freyre (13), ao refutar a opinião do Embaixador Maurício Nabuco de que Rio-Branco “nunca apregoou o seu nem o nosso prestígio”, o Barão foi, com a elaboração de tais obras, e com a sua publicação, o pioneiro da técnica hoje usada “pela maioria das grandes nações que se empenham em

12. *Rio-Branco e Rui Barbosa*, pág. 12.

13. *Diplomacia brasileira*, em *O Jornal*, de 6-V-1956.

acentuar o prestígio nacional através do rádio, do livro, do cinema, da imprensa” (14).

Encontramos também, nesta primeira carta de Rio-Branco, um trecho que confirma plenamente as opiniões emitidas a respeito do verdadeiro autor da *Vida de Dom Pedro II*, aquêle em que o Barão escreve: “Achei o trabalho primitivo ruim e fiz tudo de novo”. Foi, pois, Rio-Branco quem de fato escreveu a biografia do Imperador e, ao pôr no livro o nome de Mossé, confirmou mais uma vez a sua falta de auto-propaganda em benefício do Brasil. Ao divulgar fatos e coisas brasileiras em países estrangeiros, sempre procurou conseguir que tais publicações aparecessem sob a autoria de alguma personalidade do país onde eram editadas; isto, porque sempre teria mais aceitação por parte do leitor uma obra de autor já conhecido de que um livro escrito por brasileiro, por mais ilustre que fôsse no seu país. O intuito de Rio-Branco foi sempre, acima de tudo, tornar conhecido o Brasil na Europa, pouco se importando se o seu nome aparecesse ou não.

14. *Ibt.*

Também pode verificar-se, ao lêr esta mesma carta, como eram minuciosamente documentadas as informações e os dados ministrados pelo Barão. Quando, entre as notas mandadas pelo Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, encontrou dois reparos por êle feitos sôbre questões de fato, refutou-as imediatamente documentando as razões e as fontes de informações que o haviam levado a formular, por exemplo, a afirmação que faz no capítulo *História*, de que “les séances de la Constituante devinrent orageuses, et dom Pedro, formant un nouveau ministère avec Villela Barbosa (marquis de Paranaguá), prononça la dissolution de la Constituante (12 nov.), mesure déjà conseillée par Andrada” (5).

* * *

Como começam e como terminam as cartas daquele que, em 1876, negara sistematicamente a entrada de Rio-Branco na carreira consular?

15. *Le Brésil*, pág. 32.

A carta de 26 de abril, a primeira da presente coletânea, começa com o tratamento “Sr. Paranhos” e não apresenta nenhuma fórmula de despedida. Já as de 28 do mesmo mês e as de 8 e 11 de maio são dirigidas a “Paranhos” e terminam com a fórmula “seu afeiçoado”. A carta do dia 26 do referido mês apresenta, por sua vez, um aspecto de maior intimidade, que será em geral o das demais missivas: “Rio-Branco, gosto de chamá-lo assim. . .” e termina com “seu muito afeiçoado”. Com “Rio-Branco” começam as cartas de 28 de maio de 1889, 18 de fevereiro e 6 de outubro de 1890. Tôdas as demais são dirigidas a “Paranhos”. É curiosa essa indecisão no tratamento dado ao Barão: ora Paranhos, ora Rio-Branco, isto quando, já desde 1888, Paranhos havia sido agraciado com o título de Barão.

Mas vejamos também, e creio ser êste um dos aspectos novos que surgem do conhecimento dessas cartas, a que familiares de Rio-Branco se refere D. Pedro II na sua correspondência:

“Estimo que a saúde de sua Mãe e irmãos seja boa . . .”

“Muitas lembranças a tôda a sua família . . .”

“Espero que sua Mãe vá bem agora”

“Como vai sua família . . .”

“Dê-me sempre notícias suas e dos seus . . .”

“Estimo que todos os seus vão bem . . .”

Eis as únicas referências que encontramos nas cartas imperiais e, desde logo, existe algo que chama a atenção do leitor; não se encontra uma única palavra pedindo notícias ou mandando lembranças à espôsa do Barão! Nem sequer encontramos uma daquelas fórmulas das mais banais ou corriqueiras. É como se o Barão fôsse solteiro ou como se sua mulher tivesse morrido. E êste esquecimento, que me parece, pela sua insistência, ter sido voluntário; esta ignorância, seguramente propositada, da existência da Baronesa, nos leva a crêr que o Imperador jamais perdoara a Rio-Branco o seu casamento intempestivo com a artista belga Marie Stevens. Casamento êste que,

unido à fama do boêmio que cercava Juca Paranhos, tanto havia concorrido para que, em 1876, D. Pedro II negasse sistematicamente a sua nomeação para Cônsul do Brasil em Liverpool. Tal atitude lembramos como, então, D. Pedro II respondera a Cotegipe, que lhe pedia a nomeação de Paranhos, que em vista da “vida irregular” do candidato àquele posto, não podia admitir de maneira alguma a sua nomeação.

Todos devem ainda ter em mente a luta que representou para Cotegipe conseguir arrancar — pois êste é o termo mais justo, a nomeação de Paranhos para Cônsul em Liverpool. Casado e com filhos, êle necessitava daquele emprêgo a fim de poder normalizar a sua situação financeira, já que, infelizmente, êle comprovava desde a sua mocidade e durante todo o decorrer da sua vida o quanto era verdadeiro aquêlle “dinheiro haja, Senhor Barão”, como Pecegheiro do Amaral opinara ao ouvir o Barão, então Ministro das Relações Exteriores, expor os seus planos de remodelação do Itamaraty.

Apesar de conhecer êsses detalhes, o Imperador recusava e insistia negando, re-

sistência essa que, com o decorrer das semanas chegou a irritar o próprio Visconde do Rio-Branco. Tal importância foi adquirindo o que poderíamos chamar o “caso Paranhos”, que Cotegipe, por sua vez aborrecido com a recusa sistemática do Imperador e, na sua ausência, com os argumentos evasivos da Princesa Regente, acabou fazendo dessa nomeação uma questão fechada. Ao levar a proposta de nomeação à Princesa Isabel, “Cotegipe, com autorização de Caxias, estava decidido a jogar nela a sorte de todo o gabinete e da própria situação conservadora. De manhã em casa ele dissera aos seus íntimos: Hoje, ou sai a nomeação de Paranhos ou sai a demissão do gabinete. O rapaz tem valor, tem merecimento para o cargo...” (16).

Afinal Cotegipe saiu vitorioso dessa luta, embora a vitória fôsse diminuída no seu brilho pelo fato de ter sido a Princesa Regente quem, a 27 de maio de 1876, assinou o ato nomeação.

O homem que tanto se opusera à nomeação de Paranhos em 1876; aquêle que

16. ÁLVARO LINS, *Rio-Branco* — pág. 125.

lutara contra a sua candidatura a deputado, em 1868, e que, anos depois, negara a sua designação oficial para secretário da Missão Brasileira ao Prata, chefiada pelo Visconde do Rio-Branco, parecendo nutrir para com Paranhos uma antipatia das mais vivas, havia de ser êle que, por ironia da sorte, deveria confortar Rio-Branco em 1889 e mandar-lhe aquêle recado no sentido de que, ao ser proclamada a República, não abandonasse o seu cargo.

De Liverpool, Rio-Branco seguia, angustiado, os acontecimentos que se iam desenvolvendo no Rio de Janeiro. Suas cartas a Joaquim Nabuco, Rodolfo Dantas e Gusmão Lobo provam o quanto êle estava a par de tudo o que por lá ocorria e como já previa uma rápida derrocada do Império. Grande admirador das fôrças armadas, conforme fica amplamente comprovado para quem quiser estudar a atitude que sempre teve para com elas no decorrer da sua vida, indignava-o profundamente a interferência cada vez maior que as mesmas queriam ter na política interna do país. Escreveria êle ao Conde d'Eu, quatro mêses após a instauração do regime republicano:

“Desde 1887 eu receava que o estado de indisciplina de uma parte do exército, e a circunstância de achar-se o povo desarmado, sem a Guarda Nacional que fôra sempre entre nós um elemento de ordem, produzissem êste resultado... Ainda no dia 14 de novembro do ano passado, remeti ao Visconde de Ouro Preto vários livros que escolhi na Livraria Militar, em Paris, e ia escrever pedindo-lhe que os fizesse traduzir e espalhar no exército e nas escolas militares, para que os nossos oficiais aprendessem que um dos primeiros deveres do militar é o respeito e a submissão à autoridade civil”.

Tôda essa carta do Rio-Branco ao Conde d'Eu é uma reiteração da sua inatacável amizade para com a família imperial; uma confirmação da sua fidelidade ao Monarca destronado.

Como reagiu Rio-Branco ante o novo estado de coisas? O que todos sabem, e aí estão as cartas do Barão para comprová-lo é que êle sofreu então grave crise de consciência (“Nunca atravessei dias tão cruéis”). Agora — e chegamos aqui no ponto em que discordo da opinião daqueles que estudaram as razões dessa crise de consciência — rejei-

to a teoria de que o Barão, em prêsa a grandes dúvidas e não chegando a decidir-se sobre a posição que devia tomar, se tenha dirigido ao Imperador e colocado em suas mãos o direito de determinar a sua attitude.

Com a publicação dessa correspondência entre D. Pedro II e Rio-Branco, tenho a sorte de poder resolver, de vez, as dúvidas que sempre pairaram sobre o texto verdadeiro do telegrama recebido por Rio-Branco a 8 de dezembro de 1889, uma vez que o original, por êle anotado pessoalmente, figura entre os documentos agora offercidos ao leitor. Ao contrário do que até hoje se escreveu, o telegrama não foi passado de Cannes, mas sim de Lisboa, conforme consta dêsse documento; a data da sua expedição, esta sim concorda com aquelas citadas pelos que estudaram a vida do Barão: o telegrama foi expedido no dia 8 de dezembro, às 17,00. O texto original, que em pouco difere daquêle citado pelo Sr. Álvaro Lins no seu brilhante estudo sobre Rio-Branco, é o seguinte:

“Phrase textual: “Sei tudo. Quero lhe muito; diga que fique, peço que fique: é seu dever. Sirva seu país”.

A pontuação aqui usada foi acrescentada pelo próprio Barão do Rio-Branco. Quase todos os que estudaram a personalidade de Rio-Branco sempre se referiram a tal telegrama, mas, desconhecendo o original, tiveram que basear-se em versões mais ou menos completas. O Sr. Álvaro Lins, por exemplo, cita o texto encontrado nos papéis e documentos pertencentes ao Barão e que se acham no Arquivo do Itamaraty. Por esta razão, o famoso telegrama sempre foi atribuído a D. Pedro II, e, positivamente, nunca foi êle o expedidor.

As duas primeiras palavras do telegrama eliminam de entrada a possibilidade de ser o mesmo de autoria de D. Pedro II: "*Phrase textual*" prova que se trata da transmissão de uma opinião emitida pelo Imperador a respeito do Barão, dum conselho imperial mandado a Rio-Branco por intermédio de um amigo. Êste fato é confirmado, não só pelo teor do texto propriamente dito, como por outros detalhes. No texto, que aí difere dos até hoje publicados, é muito clara a referência ao Barão: "quero-*lhe* muito, *diga* que fique" (e não, como sempre foi citado "Quero-o muito. *Digo* que

fique”).) É positivamente um recado dado a alguém que devia estar comentando com o Imperador as dúvidas que então assaltavam Rio-Branco. Mas, se isso não fôr suficiente, temos outros detalhes mais; um dos mais importantes é a anotação, do próprio punho do Barão que, naquêlê mesmo dia escreveu: “Palavras do Imperador a meu respeito, hoje 8 de dezembro de 1889”. Ora, se o telegrama tivesse sido expedido por D. Pedro II, tal observação seria de todo desnecessária. Enfim, verifica-se também, em pleno desacôrdo com os demais telegramas expedidos a Rio-Branco por D. Pedro II, que êste não é por êle assinado. Aliás, não é assinado por ninguém, e isto nos impede de saber quem foi o expedidor, o transmissor do recado imperial. (17)

17. No livro *Reminiscências do Barão do Rio-Branco*, seu filho Raul do Rio-Branco afirma que: “a dúvida que o atormentava, meu Pai consultou ao Imperador sôbre a conveniência de demitir-se. Essa consulta se fêz por intermédio de um velho amigo seu e do Pai, o Visconde de Nioac, que cercava o soberano deposto de uma dedicação cheia de sacrifícios. . . . Respondeu Pedro II a Nioac: “Diga ao Rio-Branco que êle é um bom servidor do país. . . Deve ficar no seu posto. . . Que continue a trabalhar pelo Brasil. Eu passo, o Brasil fica”.

Esta afirmação, baseada em “reminiscências” creio que também vem abaixo perante o texto da carta do Barão

Esclarecida a dúvida sôbre a autenticidade do texto, o teor do mesmo vem confirmar o meu ponto de vista segundo o qual Rio-Branco jamais solicitou a decisão do Imperador para que resolvesse se êle devia, ou não, abandonar a carreira. “*Sei tudo*” prova positivamente que D. Pedro II, inteirando-se, possivelmente por intermédio do expedidor do telegrama, dos momentos angustiosos que Rio-Branco então atravessava, a êle antecipou-se e daí, a meu vêr a expressão “*Sei tudo*”.

Se o Imperador estivesse respondendo a uma carta ou um telegrama solicitando a sua decisão, não havia razão de perder; tempo dizendo que sabia de tudo; responderia logo “fique” ou “não fique”. Poderão dizer que isto não passa de mera suposição; mas, antes de levantar tal objeção, convém conhecer o teor da carta que, a 7

ao Imperador. Quanto à resposta, publicada por Raul do Rio-Branco entre aspas, que o Imperador teria mandado transmitir a Rio-Branco, também não me parece certa em face do texto do telegrama ora publicado. A única conclusão que nos permite formular a leitura desse trecho é que seria o já então conde de Nioac o expedidor do mencionado telegrama, cujo texto é muito mais curto do que o apresentado por Raul do Rio-Branco.

de dezembro, Rio-Branco dirigiu ao Monarca.

Com a deposição de D. Pedro II, ficou Rio-Branco profundamente abatido e foi só a 7 de dezembro, na véspera do dia em que devia receber o telegrama, que escreveu ao Monarca a carta que publico neste volume. Dou grande valor à mencionada carta, primeiro por ser a primeira missiva expedida por Rio-Branco ao Imperador após a proclamação da República, e segundo porque nesta carta, longe de encontrar uma só palavra que permita pensar que Rio-Branco tivesse exposto a sua situação e as suas dúvidas ao Imperador e lhe tivesse solicitado a sua decisão, é exatamente o contrário que vamos verificar. Sente-se, e isto de maneira positiva, todo ao longo da carta, que Rio-Branco sofreu terrível golpe com a queda do Império: . “Agora mesmo é com extrema dificuldade que tomo da pena, e em tal estado de abatimento que faria compaixão a Vossa Majestade se pudesse ver-me...”, e, mais longe: “nunca atravessei dias tão cruéis”. Mas, de outro lado, existe uma frase que prova que Rio-Branco — que certamente deve ter pensado

em abandonar a carreira, mas que, ao mesmo tempo, não podia fazê-lo por motivos, sem dúvida, vitais; e daí essa crise de consciência: querer, com todo o coração, tomar uma certa decisão e ao mesmo tempo estar de braços amarrados e não poder fazê-lo de maneira alguma — não se dirigiu ao Imperador, nem mandou um terceiro fazê-lo a fim de solicitar a decisão do Monarca:

“Sinto que grandes encargos de família me não deixem a liberdade de ação que outros mais felizes, ou menos infelizes, podem ter”.

Parece-me que uma frase como esta não deixa a menor dúvida; a posição é claramente definida e a decisão já está tomada; contra a vontade, sem a menor dúvida; mas não se cogita de modo algum em esperar um decisão do Imperador.

É também de todo impossível ser o telegrama do dia 8 a transmissão de uma resposta à carta expedida na véspera pelo Barão; nem hoje, com o avião, isto poderia acontecer.

Seja como fôr, a amizade do Imperador para com Rio-Branco em nada sofrera

com a posição tomada pelo Cônsul em Liverpool, isto é, a de não se demitir até aquela data, e as palavras do telegrama do dia 8 de dezembro de 1889 devem ter consolado o Barão daqueles dias ingratos de 1876.

É provável que o teor dêsse telegrama tenha ainda aumentado mais a amizade, agora acrescentada de gratidão, do Barão para com o Imperador; o gesto imperial era realmente magnânimo e explica os termos ainda mais carinhosos que encontramos nas últimas cartas de Rio-Branco a D. Pedro II.

O Barão não deixa passar uma data, um acontecimento, um episódio referente à atuação do Imperador sem, imediatamente, escrever-lhe, como por exemplo na carta de 22 de julho de 1890, quando se refere ao juízo que, com o decorrer dos anos, se fará da personalidade e da obra de D. Pedro II:

“Na nossa História, quando a podermos ter livre e imparcial, não haverá nome que possa igualar em grandeza ao do Soberano ilustre que durante quase meio século presidiu aos destinos da Nação Brasileira, dando-lhe, com os maiores exemplos de patriotismo, de desinterêsse e de respeito à reli-

gião do dever, um govêrno liberal e honesto e tantos dias de glória que contam e contarão sempre entre os primeiros do Brasil”.

A resposta de D. Pedro II é sóbria e simples, bem de acôrdo com a attitude serena que sempre caracterizou a sua pessoa: “Só cumpri o dever de Brasileiro e ainda espero prestar, embora exilado, os serviços possíveis”.

Prova do carinho de D. Pedro II para com Rio-Branco, é o texto da carta do dia 11 de setembro de 1890, na qual o Imperador, confirmando o seu telegrama de pêsames mandado na véspera por ocasião do falecimento da Viscondessa do Rio-Branco, usa palavras verdadeiramente fraternais.

Prosseguindo no que poderíamos chamar o seu culto ao Imperador, Rio-Branco não deixa passar sem manifestar-se, a 2 de dezembro, a passagem da data natalícia do Imperador, e telegrafa ao Monarca em têrmos dos mais afetuosos. O augusto aniversariante agradece por telegrama e por carta. Poucos dias mais tarde, Rio-Branco escreve a D. Pedro II por ocasião do primeiro aniversário do falecimento da Imperatriz a carta que reproduzo neste livro,

não estando infelizmente em minha posse o texto da resposta do Imperador.

Outro aspecto, êste não tendo absolutamente nada de inédito, mas ao menos muito bem confirmado pela leitura dessas cartas imperiais é o profundo interêsse, por parte do Imperador, por tudo que dizia respeito ao Brasil e a sua ânsia em estar sempre a par do que se publicava no estrangeiro a respeito do seu país. O Barão, por sua vez, sempre procurou atender, na medida do possível, aos pedidos do Imperador, remetendo-lhe obras sôbre numismática ou sôbre história brasileira, como verificamos na carta de 15 de julho de 1891, com a qual envia a D. Pedro II a edição *in* 8.^o pequeno do Barléus, acompanhada dessas palavras:

“Penso que a Vossa Majestade será agradável reler algumas das páginas dêsse livro, no bom latim do escritor holandês”.

* * *

Antes de concluir esta pequena apresentação, não podemos deixar de notar um traço comum ao Imperador e ao Barão do Rio-Branco, e comprovado ao longo dessas

cartas tôdas: é a espontaneidade com a qual ambos se correspondiam. Basta observarmos algumas fotocópias das missivas para ver imediatamente que são cartas escritas sem a menor preocupação estilística, cheias de rasuras (sobretudo aquelas expedidas pelo Imperador), recheadas de correções, muitas delas aumentadas com *post-scriptum*. Ambos os correspondentes brilhavam pela péssima caligrafia, e isto também se verifica facilmente ao percorrer as mencionadas fotocópias.

Como disse no início desta apresentação, as cartas que se vão lêr a seguir não contêm nada de transcendental, mas possuem, a meu ver, a qualidade de comprovar, e de que maneira, a grande amizade que existia entre D. Pedro II e Rio-Branco, positivando, por parte do Imperador, a completa modificação do juízo que sôbre Rio-Branco emitira 'naquêles anos de 1876, e por parte do Barão, aquela completa falta de rancor, que sempre foi um dos traços característicos de sua personalidade, para com o homem que quase estragara a sua vida por um excesso de rigorismo puritano.

Antes de terminar, cabe-me agradecer ao Sr. Lourenço Luiz Lacombe a sua valiosíssima cooperação ao remeter-me parte da correspondência do Barão do Rio-Branco, existente no Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis; ao professor Américo Jacobina Lacombe a sua incansável cooperação epistolar, que muito me ajudou; e à Senhorita Lucinda Alves de Sousa a paciência com que me ajudou a decifrar e ordenar as cartas do Barão.

CORRESPONDENCIA

I — Do Imperador ao barão do Rio-Branco

THE EASTERN TELEGRAPH COMPANY LIMITED
LIVERPOOL STATION
11 5, EXCHANGE BUILDINGS

Carimbo da Cia.
24 APR. 89

Foreign n.º 15
No. of Words 24

N.º 114

The following TELEGRAM received at 7. 28 p
From Petropolis via "Eastern"
Dated 24 Time 120 pm

To Baron Rio Branco
Address Consul du Brésil Liverpool

Attendez corrigenda article Brésil suit
paquebot 28 avril désire tirage à part
article Brésil corrigé

(a) *D. Pedro*

Anotação do próprio punho do Barão:

Resposta —

25 Abril — 11.10 am.

Imperador — Petrópolis

Ordem Vossa Magestade artigo *Brésil* cumprida

Tiragem ia começar hoje. Esperamos corrigenda.

(a) *Rio-Branco*

O meu teleg. exp.
às 11 da m. deve chegar
a Petr. às 11 da m.

Exp. do Rio 1,20 pm.
(= 4,20 Liv.)
Receb. 7,28
Levou, pois 3 hs. 8' a
chegar.

II — Do Barão do Rio-Branco ao Barão de Ramiz

Liverpool, 25 de Abril de 1889.

Benjamim,

Escrevo muito a correr estas linhas porque preciso acabar hoje um trabalho que prometti ao Sta. Anna Nery (1) para o livro *Le Brésil en 1889*.

Hontem tive a honra de receber um telegrama de Petropolis assim concebido:

— “Attendez corrigenda article *Brésil*. Suit paquebot 28 avril. Désire tirage à part article *Brésil* corrigé (Assignado) *D. Pedro*”.

Logo providenciei, e, apenas recebi resposta do Editor da *Gde. Encyclopédie* de estarem dadas as ordens para que ficasse adiada a tiragem, tomei a liberdade de dirigir (hoje) o seguinte telegrama ao Imperador:

— “Imperador. — Petropolis.

“Ordem Vossa Magestade artigo *Brésil* cumprida. Tiragem ia começar hoje. Es-

1. Sant'Ana Neri — Com o Barão de Sabóia, L. Cruls e o Barão de Tefé, compôs o capítulo *Instruction Publique* para a obra *Le Brésil en 1889*.

peramos corrigenda. (Assignado) *Rio-Branco*".

A mala de 28 de Abril deve estar no dia 17 ou 18 de Maio, e como toda a composição esta feita, será facil fazer com rapidez as emendas que Sua Magestade me fez a honra de remetter. Eu não ousou escrever directamente ao Imperador, e, pois, espero que V. me faça o favor de mostrar a Sua Magestade esta carta e de entregar-lhe as provas aqui inclusas da tiragem á parte. Infelizmente não guardei copia de varios accrescimos e correcções que fiz no exemplar que remetti à typographia, mas, mesmo assim, o Imperador notará que o trabalho está melhorado e augmentado, tendo eu restabelecido trechos que Levasseur fôra obrigado a cortar.

Espero que V. não perca aquellas 1.^{as} provas que lhe mandei para que pudesse mostrar ao Imperador, á Princeza Imperial e ao Conde d'Eu o que ia apparecer na *G^{de}. Encyclopédie*. Eu desejo conserval-as. Como ficarão furiosos os Mineiros lendo aquella historia de Don Quichote! . . . (2)

2. Trecho provavelmente suprimido na revisão.

Levasseur queria que o artigo *Historia* figurasse apenas como mco, mas achei mais conveniente para a nossa terra que o nome d'elle tambem ahi apparecesse. A importancia que dou a este trabalho está em apparecer, com a autoridade do nome de Levasseur e em uma obra que será consultada por todos os redactores de futuras Encyclopedias, e que terá lugar em todas as Bibliothecas do mundo.

No *Brésil en 1889* dou um artigo de Historia mais desenvolvido. O trabalho da Encyclopedia consumiu-me muito tempo, como V. comprehenderá. É mais difficil fazer um resumo, condensando milhares de factos e de datas, do que dissertar com liberdade sobre um assumpto. Algumas questões tive de estudar inteiramente de novo, porque não me tinha applicado a ellas anteriormente. Para fazer o artigo da Anthropologia precisei ler tudo quanto sobre o assumpto se escreveo entre nós.

Peco-lhe o favor de dizer ao Imperador que hoje recebi as provas da ultima parte de um livro que sobre Sua Magestade vac apparecer e que passará aos olhos do pu-

blico como escripto por B. Mossé. (3) O Imperador sabe dessa publicação pelo Conde de Nioac (4), a quem Mossé pediu notas, que me encarreguei de dar. Achei o trabalho primitivo muito ruim, e fiz tudo de novo. As provas estão ainda em *placards*, mas por estes 10 ou 12 dias começarei a receber as provas em pagina, e irei remetendo logo, pois desejo que o Imperador leia o livro antes que ninguem. O livro apparecerá em meados do mez proximo, e terá de 300 a 400 paginas.

Adeus. É preciso fazer ponto final para adiantar o trabalho promettido.

Do Amigõ Velho e Obgdo.

(a) *Paranhos*

3. Benjamim Mossé — Rabino de Avinhão, França, cujo nome figura como autor da mencionada obra, a qual foi, de fato, quase inteiramente reescrita pelo Barão do Rio-Branco.

4. Manuel Antônio da Rocha Faria — Barão, Visconde (com grandeza) e Conde de Nioac. Nascido em Pôrto Alegre a 7 de março de 1830, falecido em Cannes a 20 de dezembro de 1894. Fêz o curso da Marinha, tendo praticado na Marinha franceza e tomado parte nos combates da Criméia e em Marrocos. Reformou-se no pôsto de 1.º Tenente. Foi Deputado Geral pela Província do Rio Grande do Sul, Grande do Império e Gentil-Homem da Imperial Câmara.

III — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Sñr. Paranhos

O Artigo “Brésil” está muito bom. Revi-o, e fiz-lhe algumas observações á margem, junctando outras do Olegário, e um trabalho sobre a lingua dos Indigenas do Brazil, que eu revi, foi feito pelo Dr. Seibold, meu mestre de linguas orientaes. Se for possivel, mande imprimir 50 exemplares d’esse artigo á parte, no formato melhor, no papel melhor e com encadernação, como sabem fazel-a os inglezes.

Ainda uma vez lhe direi que este artigo é bom serviço á nossa patria, e folgo de que elle seja devido ao filho de Rio-Branco.

Recebo neste instante o seu telegramma, e estimo que o artigo possa ser publicado na obra com a nossa cooperação.

Petropolis, 26 de Abril de 1889.

(a) *D. Pedro d’Alcantara*

Anotação do Barão: Resp. 8 Junho

IV — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Paranhos

Mando-lhe o boletim da Alfandega do Rio-de-Janeiro, d'onde poderá colher dados interessantes para o seu artigo *Brésil*. Acompanha uma vista do edificio do Postofiscal que segundo verá não deshonra a bahia do Rio-de-Janeiro. Vae tambem um folheto sobre o Panorama d'essa cidade, com algumas notas minhas. Aproveite tudo para o artigo, e mandarei outras informações, pedindo-lhe que me avise por telegramma até que epocha poderei fazel-o.

Seu affeijoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Petropolis, 28 de Abril
de 1889

Anotação do Barão: Resp. 8 de junho

V — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Sñr. Paranhos

Mando-lhe esta informação curiosa para o artigo *Brésil*. Se não chegar a tempo de servir para a tiragem á parte poderá servir como *Addendum*. Fará o que for melhor. Desejo que este seu trabalho seja o mais interessante embora publique-se por partes.

Estimo que tenha gozado de saude como e sabe que sou curioso do que interessa ao nosso Brazil e illustre o espirito. (5)

Seu affeiçoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Petropolis 8 de Maio de 1889

D'aqui a dias mandar-lhe-ei algumas photographias cujas copias poder-se-ão intercalar na impressão do artigo á parte. Desejo que fique um livrinho interessantissimo.

Anotação do Barão: Recebido 7 de Junho
Resp. 8 de Junho.

5. E positivo que, aqui, o Imperador se esqueceu de algo que queria escrever, pois a frase não faz sentido.

VI — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Paranhos

Mando-lhe photographias que reduzidas servirão em lugar conveniente para o artigo á parte *Brésil*. Espero que o papel seja do melhor assim como o typo, e até vinte exemplares de simples e boa encadernação ingleza.

Estimo que a saude de sua Mãe e irmãos seja bôa.

Tudo vae bem aqui.

Seu affeiçãoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

11 de Maio de 1889

Nota do Barão: Resp. 8 Junho

VII — *Do Imperador ao barão Rio-Branco*

Rio-Branco

Gosto de chamal-o assim. Ahi vae mais trabalho para a tiragem á parte do Artigo —

Brésil. É um escripto muito interessante do Barbosa Rodrigues sobre a lingua geral dos Caboclos. Fiz-lhe algumas notas.

Parece-me que assim ficará completo — ou ao menos nada terei mais que acrescentar, embora *l'appétit vient en mangeant*, ao livrinho, com que o Senhor fará bom presente á nossa terra.

Adeus! Quando houver ahi qualquer publicação interessante mande m'a por minha conta, entendendo-se com a legação relativamente á despeza.

Seu muito afeiçãoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Petropolis, 26 de Maio de 1889

VIII — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Rio-Branco

Vae mais um trabalho do Taunay sobre os Indios Caingangs com algumas notas minhas. Serve para dar idea d'um dos dialectos dos Caboclos, e pode aproveitá-lo para

qualquer edição, se não a primeira, da tiragem a parte do artigo “Brésil”.

Tenho entre mãos um estudo a respeito da religião, ou antes ideas religiosas dos Caboclos.

O seu artigo *Brésil* talvez ainda provoque outros trabalhos que se lhe poderão ir ajuntando.

Ainda mais uma vez alegro-me de me haver feito coordenar minhas ideas, e os trabalhos que já há sobre esses assumptos.

Faça-me uma edição de cómoda, variada e agradável leitura.

Seu afeiçãoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Petropolis

28 de Maio de 1889

IX — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Eu peço a Vossa Magestade Imperial mil perdões pela demora com que agradeço a grande honra que Vossa Magestade me fez,

e que é a maior de quantas tenho recebido da benevolencia de Vossa Magestade. Tenho estado estes ultimos tempos muito sobrecarregado de trabalho, deitando-me quasi sempre às 3, 5 e 6 horas da manhã, e só para tomar repouso insufficienté pois preciso acudir à revisão de provas que me chegam de differentes lados: as da tiragem à parte do *Brésil*; as de um resumo mais desenvolvido da nossa historia para o livro *Le Brésil en 1889* que o *Comité franco-brésilien* da Exposição vae publicar; as da Biographia de Vossa Magestade, que entreguei todas ha dias ao editor Firmin Didot para que o volume possa ficar prompto no dia 12 do corrente; as dos artigos biographicos e geographicos referentes ao Brazil que redigi para o VIII volume da Encyclopedia; finalmente, as provas do folheto dando conta do banquete comemorativo da abolição. Tudo isso exigia muita pressa: os artigos da Encyclopedia tinham prazo fixo; e os livros relativos ao Brazil desejamos que possam estar promptos para o dia 14, que será o da abertura da Exposição brasileira.

Para activar os trabalhos que estavam a meo cargo, vim a Paris, e até ante hontem

era obrigado a ir pela manhã a Compiègne, onde está uma das typographias, para ali mesmo fazer correcções e dar o *bon à tirer* das folhas que iam ficando promptas.

Ainda hoje, é muito a correr que escrevo estas linhas, pedindo d'isso muitas desculpas a Vossa Magestade.

Tive a honra de receber as cartas de Vossa Magestade de 26 e 28 de Abril, a de 11 de Maio, e, hontem a de 8 do mesmo mez que veio a cargo de D. Maria Eugenia Monteiro de Barros, (5.^a) e estou tambem de posse de todos os documentos e informações que Vossa Magestade se dignou de remetter-me, assim como das photographias. Fiz logo no artigo *Brésil* todas as correcções e todos os accrescimos indicados por Vossa Magestade, reservando o trabalho sobre a lingua Tupy (6) e as photographias para a 2.^a edição que apparecerá nos primeiros dias de Julho. A primeira edição, que será

5.^a Depois condessa Monteiro de Barros, pela Santa Sé. Nascida em 1848, casou com seu primo Carlos Monteiro de Barros. Faleceu em Paris a 10-5-1925.

6. Realmente, o trabalho appareceu na 2.^a edição do *Le Brésil*, em Apêndice, sob o título *Quelques Notes sur la langue Tupi*, par ***

apenas de 500 exemplares, apparecerá por estes dias para que possa começar a ser espalhada desde a abertura da Exposição. Da 2.^a edição, mais completa e melhorada, trazendo varias das vistas que Vossa Magestade teve a bondade de remeter-me, farei tirar os 50 exemplares que Vossa Magestade deseja, em papel superior, numerados de 1 a 50, e encadernados. .

Na carta de 11 de Maio Vossa Magestade recommendava-me lhe dissesse pelo telegrapho até quando chegarião a tempo as suas informações. Tive a honra de responder logo que a recebi, no dia 23 de Maio, que esperaríamos as novas informações, e ao mesmo tempo tomei a liberdade de dizer a Vossa Magestade que todos os Relatorios ministeriaes ser-me-hiam de grande utilidade, sobretudo os da Fazenda, Agricultura e Imperio. Com effeito, poderemos assim apresentar, quanto á nossa divida, e ao lado dos algarismos do anno passado, os d'este anno, que são menores; poderemos modificar o capitulo em que são descriptos os caminhos de ferro, e dizer mais alguma cousa sobre a instrução publica.

Na primeira edição já pude incluir alguns trechos da Falla do Throno d'este anno.

A Bibliographia sahirá com um novo §, *Litteratura juridica*, que pedi ao Barão de Ourém, (7) autor do artigo Legislação. N'esse ponto foi-me facil satisfazer aos desejos do Conselheiro Olegario porque davamos um capitulo sobre o assumpto; mas não foi possivel, attento o plano de trabalho, indicar as obras de Brasileiros sobre os outros ramos de sciencia, porque essas obras são em pequeno numero, e taes cotações bibliographicas cabem melhor nos artigos especiaes da Encyclopedia sobre essas sciencias. No artigo *Brésil* tratamos de dar uma descripção geral do paiz, dividindo-a em *Geographia physica*, *Politica* e *Economica*. A Bibliographia, no fim, refere-se apenas a assumptos tratados no texto. Assim, a *Flora*

7. José Carlos de Almeida Areias, Barão e Visconde de Ourém. Nascido no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1825, falecido em Bagnères de Bigorre, França, a 29 de julho de 1892. Ministro plenipotenciário em Londres de 1868 a 1872; foi Superintendente da Imigração na Europa, membro da Sociedade de Legislação Comparada, do Instituto dos Advogados.

Fluminense, de Velloso, (8) pode ser citada porque damos um capítulo sobre a Flora.

O trabalho, como Vossa Magestade vio, occupou 51 paginas da *Grande Encyclopedie*, e nas publicações do mesmo genero só tinhamos pequeno espaço, e esse mesmo mal aproveitado, com muitos erros e apreciações injustas. Vossa Magestade pode ver tambem, pelas provas que tomei a liberdade de submitter ao Seo esclarecido exame, que o artigo primitivo de M. Levasseur occupava apenas 15 paginas, em que esse homem illustre, muito dedicado a Vossa Magestade e muito amigo do Brazil, repetia erros que lera em outras publicações estrangeiras. A' força de muita tenacidade, pouco a pouco, intercalando aqui e acolá, corrigindo e augmentando, em sete ou oito successivas revisões de provas, consegui dar ao trabalho esse desenvolvimento e obter 51 paginas que representam bem 200 a 300 in-8º. pequeno; e isso em publicação que

8. Frei José Maria da Conceição Veloso. Nascido em Minas Gerais, em 1742, falecido em 1811. Autor da *Flora Fluminense*, publicada integralmente no volume V (1881) dos Arquivos do Museu Nacional.

vac ficar nas Bibliotecas, e que ha de servir de guia a quantos para o futuro escreverem sobre o Brazil. Se eu tivesse pedido desde o principio esse espaço, com certeza elle me teria sido recusado, pois, como Vossa Magestade verá, a Inglaterra apenas occupa umas 40 paginas, e a Belgica creio que 20 sómente.

Tive, pois, como Brasileiro, grande contentamento em poder concorrer para esse resultado, vendo afinal, em livro estrangeiro, uma noticia sobre o Brazil que, sem palavras inuteis, encerra grande copia de informações, muitas inéditas, e que dará exacta e lisongeira idéia dos nossos progressos e da nossa civilização; noticia apresentada sob os auspicios de um nome europêo, como o de M. Levasseur reunindo, portanto, para os estrangeiros, as condições de imparcialidade que são para desejar em trabalhos d'esta ordem. E meo prazer augmentou quando pelo telegramma de Vossa Magestade e pelas cartas com que me tem honrado tive a certeza de que Vossa Magestade, juiz tão competente em questões de sciencia e de patriotismo, Se dignara de approvar esse trabalho, honrando-o com a Sua illustrada

collaboração. Beijo respeitosamente a mão de Vossa Magestade Imperial e rogo-lhe Se digne de acolher benignamente os protestos da minha mais profunda gratidão. Vossa Magestade sabe que a minha dedicação ao Imperador e á Família Imperial é não só uma herança que recebi de meo Pae, mas •o cumprimento de um dever pelas animações e favores que tenho recebido de Vossa Magestade, e que datam de muito longe, — dos tempos de Collegio.

Na tiragem á parte dou agora mais algum desenvolvimento, como deseja o Sr. Conselheiro Olegario, é parte relativa á Independencia. Nas notas que recebi, elle fez dois reparos sobre questões de facto. O primeiro, quanto aos motivos da retirada dos dois ministros Andradas em 16 de Julho de 1823; o segundo, quanto á intenção que antes de 6 de Abril de 1831 (dias antes) manifestou o Augusto Pae de Vossa Magestade de abdicar a Corôa Imperial.

No que diz respeito ao segundo ponto, reporto-me ás *Memorias* do Visconde de S. Leopoldo, (9) no trecho que se lê á pg. 24

9. José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde (com grandeza) de São Leopoldo. Nascido em Santos

da parte 2a. do tomo 38 da Revista do Instituto; quanto ao outro ponto, tenho em meo favor a autoridade do Visconde de Porto Seguro, (¹⁰) na sua *Historia da Independencia*, manuscripto em meo poder. O Visconde de Porto Seguro guiou-se pelas cartas do barão de Mareschal, (¹¹) ministro

em 9 de maio de 1774, falecido em Porto Alegre em 6 de julho de 1847. Acompanhou o exército pacificador e assistiu à Campanha de 1811 e 1812. Foi Deputado às Cortes de Lisboa em 1821 e 1822; foi o primeiro presidente do Rio Grande do Sul onde fundou a Colônia de São Leopoldo. Pertenceu ao Conselho de Sua Majestade tendo sido Ministro do Império em 1825 e 1826. Deixou, entre outras obras, os *Anais do Rio Grande do Sul; Da Vida e Feitos de Alexandre de Gusmão e Bartolomeu Lourenço de Gusmão*.

10. Francisco Adolpho de Varnhagen, Barão e Visconde (com grandeza) de Porto Seguro. Nasceu em S. João de Ipanema, São Paulo, a 17 de fevereiro de 1816, faleceu em Viena, Áustria, a 29 de junho de 1878. Diplomata e historiador emérito, deixou obra importantíssima, convindo citar a *História Geral do Brasil; História da Independência do Brasil; O Descobrimento do Brasil; Amador Bueno*, etc.

11. Filipe Leopoldo Wenzel, barão von Mareschal (1784-1851). Descendente de antiga família da Turíngia, foi educado na Academia Militar de Viena. Fêz a campanha de 1805, na qual se distinguuiu e alcançou o posto de capitão; foi em seguida adido à Legação Austriaca em São Petersburgo; militou de novo na campanha de 1813, como maior de hussardos, sendo adido ao quartel general da Prússia; até abril de 1819 conservou-se em Paris junto ao duque de Wellington. Nomeado encarregado de negócios da Áustria no Brasil, chegou ao Rio em 23 de setembro daquele ano; foi elevado a Ministro

da Austria no Rio de Janeiro, escriptas ao principe de Metternich. O diplomata austriaco, que, como era natural, tinha relações pessoaes com José Bonifácio, tambem refere que este ministro havia proposto ao Imperador a dissolução da Constituinte.

No trabalho que fiz para o *Brésil en 1889* trato com mais algum desenvolvimento da nossa historia em 80 e tantas paginas, de que estou fazendo edição separada, e enj que aproveitei muitas das minhas pesquisas. Na Encyclopedia era preciso resumir muito e procurar dizer muita cousa em pequeno espaço, o que é summamente difficil.

Peço de novo a Vossa Magestade Imperial que Se digne de accitar benignamen-

Plenipotenciário a 17 de fevereiro de 1827, e aqui permaneceu até junho de 1830; em 1832 foi promovido a general e nomeado Enviado Extraordinário em Parma, de onde foi removido para os Estados Unidos. Em 1840 promovido a tenente-general e no ano seguinte nomeado Ministro Plenipotenciário em Lisboa, onde ficou até 1847; retirou-se nesse ano à vida privada. Faleceu em Marburgo, a 28 de dezembro de 1851. Sua correspondência diplomática com o principe de Metternich, relativamente aos acontecimentos brasileiros, que de perto precederam à independência, o os que a ela se seguiram até 1830, é das melhores fontes da história desse período. (V. Rod. Garcia, nota à *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*, Rio, 1940, p. 91).

os meos agradecimentos, e, beijando reverentemente, por mim e por minha Mãe a mão de Vossa Magestade Imperial, de Sua Magestade a Imperatriz e da Princeza Imperial, subscrevo-me, com o mais profundo respeito,

De Vossa Magestade Imperial
muito humilde, agradecido e obediente
subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 7 de Junho de 1889.

X — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor. :

Por esta mala tive a honra de remeter a Vossa Magestade Imperial um rolo contendo tres gravuras antes da lettra impressas em papel da china. São as *primeiras provas* de outros tantos retratos que apparecerão na obra *Dom Pedro II, Empereur du Brésil*.

Um d'estes retratos é redução, um pouco modificada, de uma lithographia de 1839; outro foi gravado segundo uma photographia de 1871, recommendando eu ao artis-

ta que representasse Vossa Magestade com o uniforme militar; o terceiro é copiado sem modificação alguma da photographia que V. Magestade me fez a honra de dar em Baden-Baden.

Os retratos parecem-me bons.

Entreguei ao editor ha dias todas as provas corrigidas, e amanhã começarei a receber as provas em pagina.

— Sobre a tiragem á parte do *Brésil* já tive a honra de dizer a Vossa Magestade que vamos dar agora uma 1a. edição que será só de 500 exemplares, e logo que cheguem os novos documentos que Vossa Magestade nos faz a honra de remetter, e os Relatorios, isto é, no fim do mez, daremos 2ª. edição, de 2.500 exemplares, ficando d'esta *clichés* para que possam ser tirados mais alguns milhares de exemplares sendo necessário. Depois d'esta 2a. edição, a typographia desmanchará á composição para dispôr dos typos.

Na 2a. edição apparecerão as gravuras feitas segundo as photographias que Vossa Magestade teve a bondade de remetter-me e apparecerão tambem o trabalho que Vossa Magestade mandou, sobre a lingua Tupy,

e um outro de M. Glasson (12) do Instituto, sobre as Instituições primitivas. Elle me tinha submetido um artigo que corriji, fornecendo-lhe varias notas, e com esses accrescimos e correccões fiz outro que vae lêr á Academia de Ciencias Moraes e Politicas, e que publicaremos.

Alem da Advertencia da 1.^a edição, que Vossa Magestade conhece por uma prova (ainda não emendada) que tive a honra de mandar, daremos na 2.^a edição outro Prefacio, tambem assignado por M. Levasseur.

Tenho a honra de submeter a Vossa Magestade as linhas que tenciono propor a M. Levasseur para essa Introduçãõ, rogando a Vossa Magestade se digne dizer-me pelo telegrapho que projeto acha preferível, para o que escrevo a *lapis azul* depois de cada trecho uma palavra convencional. Assim, telegraphando Vossa Magestade a palavra — Segundo — entenderei que devo

12. Glasson, Ernest — Jurisconsulto e historiador francês nascido em Noyon, departamento da Oise em 1839 e falecido em Paris em 1907. Autor de *Histoire du droit et des institutions de la France, Histoire du droit et des institutions de l'Angleterre* e outras obras jurídicas.

dar o primeiro trecho como accrescimo —
Membre de l'Institut (13).

Na segunda pagina dou quatro redacções differentes para o final do trecho. Eu preferiria o trecho marcado — *Quinto*. — (14)

A consulta que tenho a honra de fazer é relativa *ao fundo*, ao modo de fazer a respeitosa referencia a Vossa Magestade. Quanto á forma, eu a modificarei de accordo com M. Levasseur, sem ter necessidade de dizer-lhe que tomei a liberdade de consultar a Vossa Magestade.

Se Vossa Magestade achar mais conveniente, o Conde de Motta Maia (15) poderia assignar o telegramma.

13. Verifica-se afinal que a forma adotada por Rio-Branco, seguramente por sugestão de D. Pedro II, foi diferente daquelas que propõe no presente anexo: "La seconde édition du *Brésil* a été revue et corrigée par M. E. Levasseur et par M. le Baron de Rio-Branco. Les auteurs adressent leurs plus respectueux remerciements à Sa Majesté Dom Pedro II, membre de l'Institut de France, qui, en vue de cette nouvelle édition, leur a fait l'honneur de leur communiquer des notes rectificatives et des documents complémentaires..."

14. Aqui também não foi adotada nenhuma das sugestões propostas pelo Barão e sim uma outra fórmula que, como vimos, deu lugar ao nascimento da crença de que o mencionado artigo era de autoria do Imperador.

15. Dr. Cláudio Velho de Mota Maia, Barão, Visconde (com grandeza) e Conde de Mota Maia. Nascido

Por exemplo:

Segundo Quinto

Ficarei sabendo que na primeira parte do trecho devo dizer — Membre de l'Institut, — e na segunda parte, adoptar o projecto — Quinto.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito

De Vossa Magestade Imperial
o mais humilde obediente e agrade-
cido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 7 de junho, á ultima hora.

ANEXOS

Projetos de redação

(As palavras convencionais para o telegramma vão a lapis azul).

Introdução da 2.^a edição:

Haverá o seguinte trecho:

La seconde édition de ce livre a été
revue et corrigée à l'aide des documents

no Rio de Janeiro a 14 de abril de 1845 e falecido em
Juiz de Fora a 7 de novembro de 1897. Doutor em
medicina e cirurgia, foi médico particular do Imperador,
a quem acompanhou no exílio.

nouveaux que Sa Majesté l'Empereur du Brésil a bien voulu nous communiquer; elle a été enrichie de gravures reproduisant des photographies qui aideront le lecteur à connaître l'aspect du pays et complétée par deux travaux que nous inserons à la fin du volume. L'un sur les Institutions primitives, est dû à M. Glasson, membre de l'Institut et un des directeurs de la Grande Encyclopédie, l'autre.

(Na página seguinte as diferentes combinações para o final).

Primeiro

Mesma redacção do trecho acima, mas com esta modificação: — Sa Majesté l'Empereur du Brésil, Dom Pedro II, membre de l'Institut. —

Segundo

.....
A) L'autre sur la langue Tupy, a été rédigé d'après les notes qui nous ont été envoyées par Sa Majesté l'Empereur du Brésil,

qui nous a fait un grand honneur en s'intéressant à ce travail et en nous aidant de sa collaboration.

Terceiro
.....

B) Mesma redacção acima, mas em vez de — qui nous (ont) été envoyées par S. M. l'Empereur du Brésil, — dizer, — d'un illustre savant qui connaît à fond le Brésil, ayant plus que personne contribué à sa prospérité, et qui &.

Quarto
.....

C) L'autre, sur la langue Tupy, nous a été envoyé par S. M. l'Empereur du Brésil, qui nous a fait un grand honneur en s'intéressant à ce travail et en nous aidant de sa collaboration.

Quinto
.....

D) L'autre, sur la langue Tupy, a été rédigé d'après les notes qui nous ont été envoyées par M. le Dr. Seybold.

Sexto
.....

. XI — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Paris, 13 de julho. [1889]

Senhor.

Depois das duas cartas que pela mesma mala tive a honra de dirigir a Vossa Magestade Imperial, fui novamente honrado com as cartas de Vossa Magestade de 26 e 28 de maio, com as quais recebi os trabalhos dos Srs. Taunay e Barbosa Rodrigues sobre os Caicangs e sobre a língua tupi. Recebi também do Dr. Coutinho varios quadros e um diagrama sobre o nosso commércio exterior, que elle me remeteu por ordem de Vossa Magestade. Todos esses trabalhos foram devidamente aproveitados, e ha meia hora acabo de remeter á typographia as provas emendadas. Agradeço muito a Vossa Magestade o favor que tem dispensado a esta publicação e a grande honra que assim nos tem feito. Na proxima semana conto poder dirigir a Vossa Magestade alguns exemplares do *Brésil*. M. Levasseur disse-me que por esta mala teria a honra de escrever a Vossa Magestade e de remetter-lhe

uma obra que acaba de publicar sobre a Estatística da França.

Tomo a liberdade de dirigir hoje a Vossa Magestade as folhas tiradas da Biografia de Vossa Magestade, fazendo-as acompanhar das provas do começo e fim do volume. Pela proxima mala completarei a remessa com as folhas que faltam. Desejo que Vossa Magestade seja o primeiro brasileiro a ler êsse livrinho, que escrevi quasi todo visando muito ao effeito que deve produzir não só no estrangeiro, mas principalmente no Brasil. Por isso, tratei de certas questões de actualidade, como homem muito alheio a paixões partidárias, e que só deseja que o Brasil continue a ser o que tem sido no glorioso reinado de Vossa Magestade: um Brasil unido, próspero, feliz e respeitado.

Na semana proxima ficarão promptos os primeiros exemplares, e ha um em papel do Japão que será offerecido pelos editores a Vossa Magestade.

As gravuras para a edição do *Brésil* vão ficar lindíssimas. Já vi os primeiros dezenhos. Darei grandes vistas do Rio de Janeiro, Bahia, Recife, S. Paulo, Porto-Alegre, Ouro-Preto, Pará e muitas outras

vistas menores, além de gravuras que occuparão uma pagina reproduzindo o *Guararapes* de Vitor Meirelles, o *Ypiranga* de Pedro Américo e o *Christo e a adúltera* de Rod. Bernardelli. As gravuras serão ao todo 24 ou 26, e feitas por excellentes artistas.

Por estes cinco dias tiramos a edição definitiva, a que juntaremos as gravuras. Estas só estarão promptas no dia 30 de julho, mas logo que eu receba as primeiras provas terei o cuidado de as ir remettendo a Vossa Magestade.

[Minuta existente no Arq. Hist. do Itamaraty]

XII – Do barão do Rio-Branco ao Imperador

Senhor.

Pelo telegrapho já tivemos a honra, minha Mãe e eu, de apresentar a Vossa Magestade Imperial as nossas respeitosas homenagens e felicitações ao ver confirmada a noticia de que o odioso attentado contra a vida de Vossa Magestade só tivera o resultado de affirmar mais uma vez os senti-

mentos de amor, reconhecimento e dedicação que o Povo Brasileiro vota a Vossa Magestade Imperial. Felizmente, a tentativa criminosa não partio de um Brasileiro.

Por esta mala tenho a honra de remetter a Vossa Magestade dois rolos contendo as provas das primeiras gravuras que ficaram promptas para a tiragem á parte de Encyclopedia, artigo *Brésil*. As outras gravuras só dentro de alguns dias ficarão terminadas, e entre ellas estão as mais importantes: as vistas geraes do Rio de Janeiro, Pará, Recife, Bahia, S. Paulo e Porto-Alegre. Tenho activado quanto posso os desenhistas, indo vel-os todos os dias, e dirigindo os trabalhos sempre que há modificações ou accrescimos a fazer. Este é o caso da vista do Rio de Janeiro, que está sendo feita segundo o grande panorama colorido de Baugh. Tambem estão em andamento as gravuras dos planos do Rio, Bahia e Recife, e de uma carta dos caminhos de ferro das provincias do Rio, Minas e S. Paulo. Pela seguinte mala espero poder remetter a Vossa Magestade os exemplares da 1a. edição, e creio que antes de 15 dias teremos a 2a. edição com as gravuras. Hoje, peço licença para offerecer a

Vossa Magestade um trabalho historico que fiz para o volume *Le Brésil en 1889* e de que estou fazendo tiragem á parte, ou antes, outra edição, de 1000 excmplares. O escriptor Ramalho Ortigão, que se acha de passagem, pedio-me licença para traduzir e publicar em portuguez esse trabalho ⁽¹⁶⁾, e eu logo lh'a concedi, contentando-me eu com a honra de ser traduzido por elle. Ainda que seja um resumo, Vossa Magestade poderá ver que ha ahi muitas informações que apparecem pela primeira vez.

Tenho a subida honra de ser, com o mais profundo respeito,

De Vossa Magestade Imperial
muito humilde e obediente subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 27 de Julho de 1889.

16. Parece que Ramalho Ortigão jamais levou adiante esta idéia. Os críticos mais conhecedores de sua obra nada sabem a respeito. A primeira edição portugêsa da *História do Brasil* deve ter sido, assim, aquella publicada em abril de 1930 por José Bernardino Paranhos da Silva.

XIII — *Do barão de Rio-Branco ao
Imperador*

3-VIII-1889

Senhor.

Tenho a honra de offecer a Vossa Magestade Imperial a primeira prova da *Vista Geral de S. Paulo tomada da Varzea*, uma das grandes gravuras que vou dar na tiragem á parte do *Brésil*. Em baixo d'essa gravura serão collocadas photogravuras representando o Palacio da Presidencia, a Faculdade de Direito, a Fonte do Palacio, o Passeio Publico e a Ponte do Ticté. Essas vistas são feitas segundo photographias que trouxe da sua viagem o escriptor Ramalho Ortigão. Sinto muito não ter podido obter uma photographia do Monumento do Ypiranga.

Hoje ficará prompta a *Vista Geral do Rio de Janeiro*, desenhada por Deroy segundo o grande panorama colorido de Bauch, Refiro-me á chromolithographia que Vossa Magestade conhece, executada em Vienna d'Austria. É uma vista *à vol d'oiseau* tomada da bahia.

Com photographias parciais e os meos conselhos, o artista fez *um Rio de Janeiro de hoje*. Até mesmo o Posto Fiscal ahi figura graças á gravura da Gazeta que Vossa Magestade teve a bondade de mandar-me. As vistas da Bahia e do Recife foram antehontem para o photogrador, assim como outros desenhos menores. Por estes dias ficarão terminadas as vistas de Belem do Pará e de Pto. Alegre. Mandei fazer tambem photogravuras do *Riachuelo* de Meirelles e do *Avahy* de P. Americo e conto poder mandar provas de tudo a Vossa Magestade pela seguinte mala. Hoje vou com um photographo ao Panorama de Victor Meirelles porque esta manhã veio-me a idéia de reproduzil-o na nossa coleção para que assim se perpetue a memoria d'esse trabalho, de um artista nacional. Penso que será possivel fazer a reprodução. (17)

17. Vitor Meireles empreendeu, em 1886, a pintura do seu famoso *Panorama circular de 36m,66 diâmetro, tomado do alto do morro de Santo Antonio*, feito em colaboração com o pintor belga H. Lamgerock, que executou a parte oriental desde a rua da Lapa até o mosteiro de São Bento, sendo tôda a parte ocidental devida ao pincel do artista brasileiro. Não conseguindo expôr o seu *Panorama* em Londres, onde não encontrou edificio apropriado, fê-lo em Bruxelas, inaugurando-o a 24 de

Ha dias a pedido do Visconde de Cavalcanti, (¹⁸) preparei umas notas sobre a instrução publica entre nós, e elle as passou ao Barão da Estrella, (¹⁹) que está servindo no Jury respectivo. O Jury resolveo dar um grande premio de honra a Vossa Magestade. Dois dias antes havia sido conferido esse premio á Republica Argentina, que mandara informações e estatisticas muito completas. Estavamos muito tristes com isso, mas agora, graças a Vossa Magestade, não ficaremos no segundo plano.

Fallei com M. Charles Robert, ministrando-lhe informações sobre a abolição, e elle ficou de propôr ao Jury de que faz parte (progressos sociais) um grande premio e uma mensagem de applauso dirigida a

abril de 1887. A 14 de março de 1889 era o mesmo Panorama carioca exposto na Exposição Universal de Paris.

18. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Visconde (com grandeza) de Cavalcanti. Nasceu na Paraíba do Norte a 9 de novembro de 1829, faleceu em Juiz de Fora a 13 de junho de 1899. Presidiu as Províncias de Piauí, do Ceará e de Pernambuco; foi Ministro da Justiça em 1875, dos Estrangeiros, em 1877; da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1878. Foi Comissário Geral do Brasil na Exposição Universal de 1889; Conselheiro de Estado Extraordinário.

19. José Joaquim de Maia Monteiro, Barão da Estréla — Fidalgo da Casa Imperial.

Vossa Magestade, á Príncipeza Imperial e á Nação Brasileira.

Pela última mala tive a honra de remetter a Vossa Magestade o trabalho historico que fiz para o livro *Le Brésil en 1889*.

Agora peço licença para remeter dois capitulos escriptos pelo Dr. Eduardo Prado, um sobre *A Arte*, outro sobre *Immigração*. O capitulo *Arte*, contem muitas informações novas. Por esta mala o Dr. Santa-Anna Nery remette a Vossa Magestade o primeiro exemplar brochado d'esse livro.

Eu estou apressando quanto posso a nossa tiragem á parte, mas o trabalho dos desenhos, que preciso dirigir pessoalmente, tem consumido mais tempo do que eu esperava. Felizmente está quasi tudo prompto ou quasi acabado.

Com o mais profundo respeito, tenho a honra de ser, Senhor,

De Vossa Magestade Imperial
o mais obediente humilde e
agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 3 de Agosto de 1889.

XIV — Do barão do Rio-Branco ao Imperador

Senhor

Por esta mala tenho a honra de dirigir a Vossa Magestade Imperial um exemplar, impresso em papel do Japão, da obra "*D. Pedro II, Empereur du Brésil*". É uma respeitosa offerta de M. Maurice Firmin-Didot, o qual entregou-me fechada a inclusa carta para Vossa Magestade. Só foram tirados tres exemplares em papel do Japão: este de Vossa Magestade, um segundo que os editores me offereceram, e o terceiro, de M. Maurice Firmin Didot.

Os jornaes se têm occupado do livro que vae encontrando grande aceitação graças ao nome de Vossa Magestade. Tomo a liberdade de incluir aqui uma noticia do *Journal des Débats* e outra da *Gazeta de França*.

Continuo a lutar com os desenhistas e gravadores para ultimar a 2a. edição do *Brésil*. Isso exige mais tempo do que eu pensava, mas breve estará tudo terminado. Hoje só posso ofrecer a Vossa Magestade

uma pessima prova da *vista geral do Rio de Janeiro*. A chapa tem de ser ainda muito trabalhada estes dias.

Se Vossa Magestade julgar conveniente, rogo-lhe o favor de ordenar ao Visconde de Nogueira da Gama (20) que encarregue a Legação Imperial, em nome de Vossa Magestade, de acusar o recebimento da carta e do volume que M. Maurice Firmin Didot tem a honra de remetter. Vossa Magestade sabe que os Firmin-Didot são os impressores do Instituto e pertencem a uma velha familia muito estimada em França. Não ha casa editora mais respeitavel do que essa.

Com o mais profundo respeito tenho a honra de ser, Senhor,

De Vossa Magestade Imperial
o mais humilde, obediente e agradecido
subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 10 de Agosto de 1889.

20. Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, Barão e Visconde (com grandeza) de Nogueira da Gama. Nascido em Minas Gerais a 13 de setembro de 1802,

XV — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor.

Depois de ter expedido hoje uma carta a Vossa Magestade vim á officina de Photo-gravura e encontrei promptas mais dez provas de vistas do Brazil que agora tenho a honra de remeter a Vossa Magestade.

Acabo de ver também o *cliché* do quadro de Victor Meirelles — *Batalha naval de Riachuelo*. — Parece estar muito bom.

Beija respeitosamente a mão de Vossa Magestade Imperial o,

Seo
muito humilde, obediente e agradecido
subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 10 de Agosto de 1889.

falecido em Nazaré, Bahia, a 18 de outubro de 1897. Foi veador do Paço; comandou a Guarda Nacional durante a revolução mineira; Deputado Geral por Minas Gerais, Gentil-Homem da Imperial Câmara, Fidalgo-Cavaleiro da Casa Imperial; pertenceu ao Conselho de Sua Magestade, Mordomo da Casa Imperial e Porteiro da Imperial Câmara.

XVI — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

... Senhor,

Tenho a honra de fazer subir á presença de Vossa Magestade Imperial os inclusos retalhos do *Liverpool Daily Post*, contendo o editorial de 14 do corrente, todo relativo a Vossa Magestade Imperial. N'esta data peço ao *Jornal do Commercio* que publique uma tradução d'este artigo. Foi escripto pelo Sr. Charles Russell a quem offereci um exemplar do livro. [*Anexo I*].

As gravuras do *Brésil* devem ficar todas promptas em breves dias. Creio já haver tido a honra de dizer a Vossa Magestade que, alem das vistas do Brazil, darei photogravuras de algumas das melhores produções dos nossos artistas, varios planos e cartas e dois diagrammas mostrando o desenvolvimento do commercio e receita publica, as curvas da immigração e o desenvolvimento da viação ferrea. Ver-se-ha assim mais facilmente quanto temos progredido desde 1840 e, principalmente, a

partir de 1850, depois da pacificação do Imperio.

Com o mais profundo respeito, tenho a honra de ser, Senhor,

De Vossa Magestade Imperial
subdito muito humilde e reconhecido

(a) *Barão do Rio-Branco*

Liverpool, 16 de Agosto de 1889.

XVII — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

25 agosto 89

Senhor.

Tenho a honra de remetter a Vossa Magestade aqui inclusas as primeiras provas, recebidas esta manhã, do artigo — *Quelques notes sur la langue tupi*, — com as correccões typographicas da rapida leitura que pude fazer. Amanhã devolverei as provas emendadas à Typographia. Com esse artigo apparecerá um outro, de M. Glasson, do Instituto, — *Les Institutions*

primitives, — de que sinto não poder desde já mandar provas a Vossa Magestade porque não recebi duplicata.

Por estes proximos dias teremos prompta a edicção illustrada, e em separado tenho a honra de remetter também hoje algumas provas de gravuras. As do *Riachuelo*, de Meirelles, e *Avahy*, de Pedro Américo, assim como a da *Faceira*, de Bernardelli, parecem-me muito boas.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito,

De V. M. I.
muito hu. e agr. subd.

RB

25 de agôsto

[*Minuta existente no Arquivo Histórico do Itamaraty*]

XVIII — *Do barão Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Desde muitos dias estou para escrever a Vossa Magestade Imperial e não tenho

tido coragem. Agora mesmo é com extrema difficuldade que tomo da penna, e em tal estado de abatimento que faria compaixão a Vossa Magestade se pudesse verme. Estive em Pariz com o Conde de Nioac, a quem já havia escripto, e de viva voz repeti o pedido que em carta lhe fizera de beijar por mim uma e muitas vezes a mão de Vossa Magestade e de assegurar-lhe que os meus sentimentos de dedicação e reconhecimento são e serão sempre os mesmos. Sinto que grandes encargos de família me não deixem a liberdade de ação que outros, mais felizes, ou menos infelizes, podem ter. Vossa Magestade me perdoará o não ter ido até Lisboa, e supplico-lhe que directamente ou por intermédio do Conde de Nioac me maude uma palavra de perdão que me dê algum conforto, pois nunca atravessei dias tão crueis.

Amanhã sigo para a Inglaterra, d'onde cheguei há dias para ver os meos doentes, A Typographia Lahure remetterá amanhã a Vossa Magestade as folhas completas do *Brésil*, 2a. edição, e do Album de vistas. Começam a ser brochados os primeiros exemplares e os que se destinam a Vossa

Magestade estão no encadernador. No segundo prefácio ha referencias a Vossa Magestade.

Rogo a Vossa Magestade se digne de acolher os protestos do profundo respeito e dedicação com que tenho a honra de ser

De Vossa Magestade Imperial
Muito humilde e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Paris, 7 de dezembro de 1889.

XIX — *Do conde de Nioac [?] a Rio-Branco*

TELEGRAMA

Carimbo de
“Central Paris — 8 Dec 89”

Paranhos 10 (espaço rasgado)

PARIS LISBOA 95 25 8 12 50 SR

PHRASE TEXTUAL SEI TUDO QUERO
LHE MUITO DIGA QUE FIQUE
PEÇO QUE FIQUE E SEU DEVER
SIRVA SEU PAIZ.

Nota: A frase foi parafraseada do próprio punho do Barão da seguinte maneira: “Phrase textual: Sei tudo quero-lhe muito; diga que fique; peço que fique. É seu dever. Sirva seu paiz”.

Anotação do próprio punho do Barão: (Palavras do Imperador a meo respeito, hoje 8 de dezembro de 1889).

XX — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Tenho estado estes dias tão incommodado, que só agora posso escrever estas poucas linhas a Vossa Magestade Imperial, agradecendo-lhe muito as notas que teve a bondade de mandar-me com a sua carta de 30 de dezembro.

Hoje remetto pelo correio a Vossa Magestade Imperial os tres Albuns publicados por Julius Meili, ⁽²¹⁾ negociante suiso no

21. Julius Meili, negociante suíço no Rio, sócio do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, retirando-se da vida comercial, publicou em Zürich algumas monografias famosas sôbre numismática brasileira e portugêsa: — *Portugiesische Münzen — Varietatem und einige unedirte* — Stüche, 1890; — *Die Münzen des Kaiserreichs Brasilien*, Zürich, 1890; — *As medalhas referentes ao Império do Brasil*. (1822 até 1889) — 1890 — Refundindo e ampliando, mais tarde, êstes estudos publicou a obra, de caráter monumental: *O meio circulante no Brasil*, cujo

Rio de Janeiro. O pequeno album com algumas variedades de moedas portuguezas não interessa ao Brasil. Os outros dois alguns, sim. Um apresenta as medalhas e outro as moedas do Imperio. Êste ultimo é completo; no outro ha algumas lacunas.

Aproveito a occasião para apresentar a Vossa Magestade os meos cumprimentos de bons annos. Faço os mais ardentes votos para que este anno de 1891 seja mais feliz que o que agora terminou. Para mim, o anno de 1889-90 foi *l'année terrible.*"

Beija respeitosaente a mão de Vossa Magestade Imperial

o seo
muito dedicado e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 4 de janeiro de 1890.

primeiro volume — *As moedas do Brasil colônia, (Das brasilianische Geldwesen — Teil I — Die Münzen der Colonie Brasilien — 1645-1822)* — appareceu em Zürich 1897. V. ALFREDO DE CARVALHO, *Julius Meili e a numismática brasileira*, Rev. Inst. Hist. T. 69, 2.^a, p. 93.

XXI – *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Rio-Branco

Ainda não recebi os vinte exemplares; mas desde já lhe agradeço o modo porque satsifizez meu desejo. Sinto que apesar de meus esforços, não tenha eu podido concorrer para o complemento de seu trabalho. Ao que diz de meu reinado, accompanhando eu a voz de minha consciencia, só acrescentarei que busquei cumprir o meu dever, e que mesmo de longe sempre me esforçarei por contribuir para a prosperidade de nossa Patria. Assim Deus me dê vida e fortifique minha saude. Escreva-me a miude e dê-me noticia do que lhe parecer me interessará na Inglaterra. Depois de receber os exemplares ainda lhe fallarei d'elles tendo mais essa occasião de testemunhar-lhe quanto sou e serei sempre

Seu muito afeiçãoado.

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Cannes, 18 de fevereiro de 1890.

Recebo agora os exemplares do “Le Brésil”. Muito e muito obrigado.

XXII — *Do Barão do Rio-Branco ao
Conde d'Eu*

Senhor.

Ha dias tive a honra de remeter a Sua Alteza a Princeza Imperial, a Vossa Alteza Real e a Suas Altezas os Principes, vários exemplares do folheto *L'Abolition de l'Esclavage*, (22) contendo os discursos proferidos no banquete de 10 de julho de 1888, e alguns outros documentos. Hoje remetto ao Conde da Motta Maia, para que o offereça em meo nome a Sua Alteza a Princeza Imperial, um exemplar em papel de Hollanda da edição illustrada do *Brésil da Grande Encyclopédie*. Ao Imperador tive a honra de mandar ha tempos vinte exemplares dêsse livro por cuja publicação Sua Magestade tanto se interessara.

Espero que Sua Alteza Imperial se dignará de aceitar benevolmente o exemplar que agora remetto e que verá n'elle um pe-

22. *L'Abolition de l'Esclavage du Brésil* — Paris, 1889 [Existe no Itamaraty o exemplar que pertenceu a Joaquim Nabuco] — V. O. Melo Braga, *Bibliogr. de J. Nabuco*, Rio, 1952, p. 177.

queno testemunho da minha respeitosa dedicação á Princeza illustre, cujo nome, como o de Vossa Alteza Real, será inapagável de algumas das mais bellas e gloriosas páginas da nossa História.

Ha muito tenho querido escrever a Vossa Alteza Real, e não me tenho animado a fazê-lo. O que ultimamente occorreo no Brazil parece-me um sonho de que ainda não acordei. Entretanto, desde 1887 eu receiava que o estado de indisciplina de uma parte do exercito, e a circumstancia de achar-se o povo desarmado, sem a guarda nacional que fôra sempre entre nós um elemento de ordem, produzissem êste resultado. Por vezes tomei a liberdade de chamar para êsse ponto a attenção de alguns dos nossos homens politicos, e particularmente do Barão de Cotegipe. Ainda no dia 14 de Novembro do ano passado remetti ao Visconde de Ouro Preto varios livros, que escolhi na Livraria Militar, em Paris, e ia escrever pedindo-lhe que os fizesse traduzir e espalhar no exercito e nas escolas militares, para que os nossos officiais aprendessem que um dos primeiros deveres do militar é o respeito e a submissão à auto-

ridade civil. Deixei de mandar a carta porque dois dias depois chegou-nos a noticia da sedição que logo se converteo em Revolução.

Não preciso dizer a Vossa Alteza Real quanto lamento a sorte da nossa patria, pois ninguem pode prever quando voltaremos ao regime legal, quando poderemos ter de novo governo representativo e as liberdades de que gosavamos sob o Imperio constitucional. Um telegrama publicado no *Temps* diz que provavelmente não teremos Assembléa Constituinte e isso quando o governo atual nada deveria receiar de uma assembléa eleita sob o regime da lei marcial e do terror.

Rogo a Vossa Alteza Real se digne de depôr aos pés de Sua Alteza a Princesa Imperial as minhas mais respeitosas homenagens, e acolher os protestos do profundo respeito com que tenho a honra de ser

Dé Vossa Alteza Real
muito humilde, obediente e agradecido servo

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 6 de Março de 1890.

56, Boulevard Saint-Michel.

XXIII — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Rio-Branco

Estimo que tenha passado bem assim como sua Mãe e irmãos. Eu vou bem e consolo-me da ausencia da Patria com o estudo.

Approvo sua idea a respeito do trabalho do Severiano. ^(22a) Talvez proxima-mente lhe mande prova de tempo bem aproveitado.

Seu amigo de sempre

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Cannes, 16 de março de 1890.

XXIV — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor

O manuscripto — Religião dos Brazis — foi traduzido por David Cohen e entregue

(22A) Talvez se trate do dr. João Severiano da Fonseca.

por mim a M. Levasseur que o vai ler á Academia de Sciencias Moraes e Politicas no proximo sabbado. Dei-lhe por titulo — *Quelques notes sur les croyances religieuses des Indiens du Brésil.* — Será publicado nos *Comptes Rendus* da Academia com o nome do autor.

M. Levasseur limitar-se-ha a dizer que o recebe do Rio de Janeiro já tarde para ser aproveitado no *Appendice* da 2a. edição do *Brésil*, mas que, contendo esse trabalho muitas informações novas e interessantes, apresenta-o á Academia, que já tomou conhecimento de uma memoria de M. Glasson sobre as Instituições primitivas dos Indios.

Eu continuo trabalhando quanto posso. Dentro de um mez estará prompto o 3.º volume da *Historia da Guerra da Triplice Alliança*, ⁽²³⁾ de Schneider, annotada por mim, e ao mesmo tempo estou preparando um volume em que tratarei das nossas campanhas navaes no Rio da Prata de 1826 a

23. *A Guerra da Tríplíce Aliança contra o Govêrno da República do Paraguai*, por L. Schneider. Traduzido do alemão por M. T. A. Nogueira, anotado por J. M. da Silva Paranhos, Ex-Secretário da Missão Especial do Brasil no Rio da Prata. Imprensa Militar do Estado Maior do Exército. III Volume, 1923.

1828. Não é o meo trabalho definitivo, mas uma biographia de Norton, que me dará ensejo para tratar dos principais episodios d'essa guerra. Conto poder publicar este livro antes de tres mezes, e n'este momento activo os desenhos que devem servir para as gravuras.

Espero que esse bom clima vá cada vez fortificando mais á saude de Vossa Magestade Imperial.

Tenho a honra de ser, Senhor com o mais profundo respeito,

De Vossa Magestade Imperial
subdito muito humilde, affectuoso e
agradecido

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 3 de junho de 1890.

XXV — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor

Estas linhas chegarão ás mãos de Vossa Magestade Imperial amanhã, 23 de julho, dia em que os Brasileiros contavam poder celebrar o Jubileo do glorioso e fecundo reinado de Vossa Magestade.

Peço licença para beijar **respeitosamente** a mão de Vossa Magestade e **sinto** immenso não poder fazel-o pessoalmente, indo a Cannes.

As ingratições do periodo agitado que atravessamos hão de passar e, Vossa Magestade pode encarar com animo sereno o futuro e descansar no juizo da posteridade e no respeito e reconhecimento dos Brasileiros. Na nossa Historia, quando a podermos ter livre e imparcial, não haverá nome que possa igualar em grandeza ao do Soberano illustre que durante quasi meio seculo presidio aos destinos da Nação Brasileira, dando-lhe, com os maiores exemplos de patriotismo, de desinteresse e de respeito



á religião do dever, um governo liberal e honesto e tantos dias de gloria que contam e contarão sempre entre os primeiros do Brazil.

Tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito,

De Vossa Magestade Imperial
muito humilde, obediente e agradecido
subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 22 de julho de 1890.

56 Boulevard St. Michel.

XXVI — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Paranhos

Recebi sua carta de 22. Só cumpri o dever de Brasileiro e ainda espero prestar, embora exilado, os serviços possíveis.

Continuo meus estudos predilectos, e parto amanhã para Baden-Baden afim de avigorar minha saude aliás boa agora.

Dê-me noticias do que faz e do movimento literario ali no sentido de seus estudos.

Muitas lembranças a toda sua familia e aceite abraço de

Seu muito affeioado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Cannes, 24 de julho de 1890.

XXVII — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Snr. Rio-Branco

Agradeço-lhe muito seu presente do retrato de meu Pae e tudo o que decerto me enviará interessante á nossa Patria.

Espero que sua Mãe vá bem agora, e peço-lhe que dê da minha parte á Viuva do Visconde do Rio-Branco muitas lembranças, informando-me sempre da saude d'ella. Suas cartas são de grande satisfação para mim.

Vou passando bem e estudando bastante. Adeus.

Seu sincero amigo

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Baden-Baden, 27 de agosto de 1890.

XVIII — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

TELEGRAMA

BARON RIO BRANCO 56 BD. ST MICHEL
PARIS

Carimbo
"Central Paris
10 Sept 90"

PARIS B BADEN 917 21 10/9 93 M

LES PLUS CORDIALES CONDOLEANCES DE VOTRE AMI TRÈS AFFECTIONNÉ — D. PEDRO D'ALCANTARA

Nota do Barão: Respondi no mesmo dia 10: "Sa Majesté D. Pedro d'Alcântara, Hotel Stéphanie, Baden-Baden: Beijo agradecido a mão de Vossa Magestade Imperial. Rio Branco".

XXIX — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Paranhos

Não conheço maior dôr que a da perda de nossa Mãe, embora não a sentisse d'Aquella, a quem devo a existência, senão pelo que outros d'ella me referiram, experimentando-a contudo tão profunda, creio eu, quando falleceu Quem como tal consagrava-me seu amôr, podendo eu ainda antes beijar-lhe a mão.

Excuso acrescentar mais para exprimir-lhe quanto lastimo o fallecimento de sua Mãe, viuva do meu amigo o visconde do Rio-Branco.

Seu muito afeiçoado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Baden-Baden, 11 de setembro de 1890.

XXX — *Do Barão do Rio-Branco ao
Imperador*

15 setembro, 1890

Paris

Senhor.

Beijo a mãe de Vossa Magestade Imperial pela carta tão sentida com que me honrou ao saber do golpe que recebi, e que não foi menos doloroso apesar de previsto e esperado desde fins de 1888. Procuo consolar-me, quanto é possível, da perda de minha mãe, que foi uma santa, lembrando-me de que os infelizes não são os que se vão, são os que têm coração e continuam nesta vida, que cada vez comprehendo menos. Para a probresinha que agora descansa, a morte foi uma verdadeira libertação, tantas eram as suas tristezas, e, desde dois annos, os seus soffrimentos physicos. *O último anno, sobretudo, foi um verdadeiro martyrio de todos os dias.*

Digne-se Vossa Mag. Impl. de aceitar
os mais cordiaes e respeitosos agrad.tos do
seu

mtto. hum. e agr. subdito

B. do RB.

*[Minuta autógrafa no Arquivo Histórico do
Itamaraty]*

XXXI — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

TELEGRAMA

BARON RIO BRANCO 56 BD ST MICHEL
PARIS

Carimbo
Central Paris
3 DEC 90

P. CANNES 338 15 3 2H4 S

UN BIEN CORDIAL REMERCIEMENT SOU-
VENIRS

D. PEDRO ALCANTARA

*Nota do próprio punho do Barão: Telegramma q. expedí
no dia 2 de Dez.º de 1890:*

A Sa Majesté l'Empereur D. Pedro d'Alcantara. Hotel
Beauséjour Cannes.

Beijo respeitosamente a mão de Vossa Magestade Imperial
n'este dia, como quem consagra a Vossa Magestade
a mais profunda affeição e o mais vivo reconhecimen-
to pelas suas bondades de todos os tempos.

(a) *Rio-Branco*

XXXII — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Rio-Branco

Não posso deixar de agradecer-lhe por
escripto seus parabens. Sabe qual a affei-
ção que nos liga. Dê-me notícias do que
sabe me interessa e creia que sou

Seu cordeal affeioado

(a) *D. Pedro*

Cannes, 6 de dezembro de 1890.

XXXIII — *Do Imperador ao barão do
Rio-Branco*

Paranhos

As notas que escrevi em resposta
julgo-as exactas.

Espero ancioso os dous albums e ainda
mais o seu artigo.

Passo bem e continuo meus estudos.
Estou prompto a ajudal-o nos seus quanto
eu puder.

Como vae sua familia?

Creia-me sempre

Seu muito affeçoadado

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Cannes, 30 10bro 1890.

XXXIV — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor

Hoje escrevo ao Conde de Motta Maia pedindo-lhe que mostre a Vossa Magestade Imperial umas notas sobre alguns dos abridores da Casa da Moeda.

Tenho em mão um pequeno trabalho sobre as Moedas e Medalhas do reinado de Vossa Magestade Imperial e do primeiro reinado, e desejaria sobretudo saber se esses abridores são todos Brasileiros, ou se entre elles ha algum ou alguns Portuguezes.

Por estes dias espero poder remetter a Vossa Magestade Imperial dois Albuns que

acaba de publicar o Sr. Julius Meili, negociante suíço no Rio de Janeiro. Um d'elles contém as moedas do Imperio, o outro as medalhas. É sobre essas duas publicações que desejo mandar um artigo para o *Jornal do Commercio* desde já, e com mais vagar prepararei um livrinho sobre o assumpto.

Beija respeitosamente a mão de Vossa Magestade Imperial

De Vossa Magestade
muito obediente e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 24 de Dezembro de 1890.

XXXV — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor.

Peço a Vossa Magestade Imperial o favor de acreditar que não passou esquecido para mim o triste anniversario de 28 de Dezembro.

Beija respeitosa-mente a mão de Vossa Magestade Imperial

o seu
muito obediente e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 29 de Dezembro de 1890.

XXXVI — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Provavelmente por esta mesma mala chegarão á presença de Vossa Magestade Imperial outros exemplares do incluso impresso, onde ha, no fim, algumas bellas paginas sobre Vossa Magestade Imperial e Sua Alteza Imperial, escriptas por um amigo que eu cada vez prezo mais. Sendo possivel que Vossa Magestade não tenha ainda conhecimento d'essa publicação, tomo a liberdade de incluir aqui um exemplar. (24)

24. Refere-se ao opúsculo de Joaquim Nabuco, *Agradecimento aos Pernambucanos*, Londres, 1891.

Beija respeitosamente a mão de Sua Magestade Imperial o Seo

muito obediente e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 29 de Janeiro de 1891.

XXXVII — *Do Imperador ao barão do Rio-Branco*

Paranhos

Vou *responder* a Nabuco porque a mim se dirige elle no seu “Agradecimento, aos Pernambucanos”. [*Anexo II*].

Foi justo, e felizmente não me engano, porque o que sempre mais estudei foi a mim proprio.

Peço-lhe que seja quem lhe envie minha carta depois de lê-la.

Dê-me sempre noticias suas e do seus, e Creia-me

Seu muito seu

(a) *D. Pedro d’Alcantara*

Cannes, 6 de Fevereiro de 1891.

XXXVIII — *Do Imperador do barão do
Rio-Branco*

Paranhos.

Estou quasi bom; mas o pé tem me dado que fazer.

As traduções de que me falla são bom serviço á historia e conhecimento do nosso Brazil; tomara lêl-as como relêr meu velho amigo Barleus.

Não conheço a edição em 8.^o pequeno que provavelmente não tem os desenhos da outra se bem me lembro.

Escreva-me sempre que quizer e sobretudo a respeito do que nos interessa.

Estimo que todos os seus vão bem e creia-me sempre o antigo amigo do seu pae e seu

(a) *D. Pedro d'Alcantara*

Vichy, 12 de junho de 1891.

XXXIX — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Eu tenho por vezes pedido ao Conde de Motta Maia noticias de Vossa Magestade Imperial, que sei esteve ligeiramente incommodado logo depois da Sua chegada a Vichy. Ultimamente nada tenho sabido, mas espero que a esta hora Vossa Magestade já esteja de todo restabelecido.

Ha dias mandei começar a tradução para o francez da interessante viagem de Nieuhoff (²⁵), em que, além de muitas informações geographicas e estatisticas, ha noticias minuciosas da guerra de Pernambuco desde 1645 até á expulsão dos Hollandezes. Vou fazer traduzir também o extenso capitulo consagrado ao Brazil hollandez na *America* de Montanus (²⁶), e quero ver se obtenho igualmente a traducção da obra de Barloeus. Esta ultima traducção é facil para

25. Trata-se do *Gedenkwaerdige Brasiliaense zee-en Lant reize*, editado em Amsterdão em 1682. Foi editado em portugûes, com introdução e notas de José Honório Rodrigues, pela Liv. Martins, S. Paulo, 1942.

26. Trata-se da *Amerika*, editada em Amsterdão em 1671.

quem saiba regularmente o latim e a obra só parece extensa porque a edição *princeps* é *in-folio*. Ha uma edição em 8.^o pequeno, formando apenas um livrinho de 300 paginas, e n'essa edição nada foi suprimido.

Não tenho escripto ultimamente porque receio sempre tomar tempo a Vossa Magestade e abusar da sua bondade. Mas peço a Vossa Magestade que creia sempre na minha muito respeitosa affeição e no profundo reconhecimento que guardo das benevolencias paternaes de Vossa Magestade para commigo.

Beija reverentemente a mão de Vossa Magestade Imperial o sei

muito humilde e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 6 de julho de 1891.

XL — *Do barão do Rio-Branco ao Imperador*

Senhor.

Peço licença para offerecer a Vossa Magestade Imperial a edição pequena de Baerl

(Barloeus), que Vossa Magestade me diz não conhecer. Remetto-a hoje pelo correio. Toda a materia da edição grande está reunida n'esse pequeno volume. Faltam apenas os mappas e gravuras, que não podiam ser reproduzidas n'esse formato.

Penso que a Vossa Magestade seirá agradável reler algumas das paginas d'esse livro, no bom latim do escriptor hollandez.

Fazendo votos pelo prompto e completo restabelecimento da saude de Vossa Magestade, beija respeitosaente a Sua mão o

De Vossa Magestade Imperial
muito humilde e agradecido subdito

(a) *Barão do Rio-Branco*

Pariz, 15 de julho de 1891.

XLI — *Do barão do Rio-Branco ao
Imperador*

Senhor.

Agradeço muito a Vossa Magestade Imperial a honra que me fez enviando-me

um exemplar da sua tradução das Poesias Hebraico-Provençais. (2^a) Só hontem tive notícia dessa publicação e logo telegraphiei ao conde de Motta Maia, pedindo-lhe dois exemplares.

Consta-me que Mistral publicou um artigo sobre o trabalho de Vossa Magestade. Eu escrevo hoje ao conde de Motta Maia pedindo-lhe que me confie o artigo de Mistral, se o tem, a fim de ser traduzido e publicado no Rio de Janeiro ao mesmo tempo que a introdução que Vossa Magestade escrever.

Beija respeitosamente a mão de Vossa Magestade Imperial o seu

mtto, obde. e agdo. subd.o

B. do R.

13 setembro. [1891]

[*Minuta autógrafa no Arquivo histórico do
Itamaraty*]

27. Refere-se ao opúsculo bastante raro: *Poésies / hebraico-provençales / du / rituel israelite comtadin / traduites et transcrites par / S. M. Dom Pedro II d'Alcantara / Empereur du Brésil / Avignon. Séguin Frères, Imprimcurs — éditeurs / 13 rue Bouquerie 13 / 1891* — O prefácio do Imperador é datado de Vichy, 1.º de agosto de 1891.

ANEXOS

ANEXO I

BIOGRAFIA DO IMPERADOR

1 — De *The Liverpool Daily Post*, Wednesday, August 14,
1889: (N.º 10,650)

As far as modern Europe is concerned, the Empire of Brazil is in the happy position of a country that has no history, though the story of its internal development is full of the most powerful, dramatic, and political interest. This is abundantly shown in the life of Dom Pedro II, written by B. Mossé, officer of public instruction, and issued in the library of Messrs. Firmin Didot, and Co., of Paris. The book, in fact, is another striking illustration of the saying that truth is stranger than fiction, for the career of the subject of it makes that of any ordinary hero of historical romance insignificant in comparison. As M. Mossé says in his preface, it would be almost a temerity in the present epoch of French affairs to write the biography of one who had no claim upon public attention beyond the fact that he was an emperor. The work has been undertaken because Dom Pedro II is something much better and higher than a mere representa-

tive of titular sovereignty. He is not only a sovereign, but a philosopher and a philanthropist — a friend of humanity and the benefactor of his country. Plato said that people would only be happy when philosophers were kings, and this ideal condition of things is apparently realised in Brazil, where Dom Pedro II, though styled Emperor, is simply the chief of a democracy crowned. Brazil, in fact, is more essentially Republican than many countries with that form of government. Brought into political existence as the result of the European convulsions produced by the wars of Napoleon I, the active history of the Empire synchronises with that of the present century. Originally a colony of Portugal, it soon developed the spirit of independence which led to the separation of America from England, and the first representative of Portuguese Royalty, Dom Pedro I, had to return to Lisbon, leaving behind him as his successor, a son five years of age. This son, the present Dom Pedro II, having been born in the country, was accepted by the Brazilians as their Sovereign: an incident of which there is a familiar example in English history. The abdication of Dom Pedro I took place on the 7th of April 1831, and ten years later his own son was crowned Emperor in the midst of general enthusiasm and festivities lasting for several days. Of the boy Sovereign thus called at the age of fifteen to the head of a troubled State, we are told by his biographer that he was grave and reflective, always at work and study, and consecrating his nights as well as his days

to the ardent acquisition of knowledge. The lessons he had learned in the school of misfortune and amid the troubles of his minority had given a serious and meditative character to his spirit, a precocious maturity to his intelligence, and an unusual elevation to his ideas. To have witnessed, indeed, and to some extent shared in, the political troubles and experiments of ten years was in itself and education of the highest practical value for this precociously philosophic Sovereign of fifteen.

"Progress, liberty, patriotism", have been the watchwords of Dom Pedro II since the commencement of his reign; progress intellectual and social; liberty wisely regulated by the law; and patriotism fertile in devotion, morality and dignity. Such is the testimony of M. Mossé, and it is entirely borne out by the evidence of his book, from which it is clear that in Brazil the ancient Radical idea has been realised which makes the end of good government the greatest happiness of the greatest number. The shade of Bentham must surely rejoice at seeing so worthy a disciple of his in a reigning sovereign. If he was merely the sovereign of a territory like Monaco his character might not be of much public importance, but Brazil is six times as large as France, and in 1840 possessed a population of five millions, of whom two millions were negro slaves. To-day the population is fourteen millions, and negro slavery has been abolished since the 13th of May last year. At the former period there were eighteen provinces to which two have since been

added; and some of them are larger than European kingdoms. The climate varies according to the latitude and altitude of different regions, being warm on the coast, but mostly temperate. In the interior, even between the tropics and the equator, the heat is never extreme in summer, though the cold is sometimes intense enough in winter. The country is rich in natural advantages, which only require capital and industry for their full development, the soil being of incomparable fertility. The exports, which are rapidly augmenting in volume and value, consist principally of coffee — of which half the total production of the world is Brazilian — sugar, cotton, tobacco, cacao, india-rubber, etc., while several of the provinces export gold and diamonds. From a political point of view, Brazil is a constitutional monarchy with representative institutions, regulated by the Act of 1824, and the additional Act of 1834, which established provincial autonomy, and was supplemented in 1840 by a measure interpreting some of its provisions. The laws are voted, with the sanction of the Emperor, by the Chamber of Deputies, the members of which are elected for four years, and by the Senate, or second chamber, the Emperor having a suspensive veto, which he has never exercised. The election of senators is on quite as popular a basis as that of the deputies, though the tenure of office by the former is for life and by the latter for four years. Both are entirely chosen by the electors, and the difference in the mode of election is more one of form than spirit. In the

case of senators the electors choose the names to be submitted to the Emperor, and he selects those who are to be appointed, and the Senate thus composed is considered one of the best features of the Brazilian constitution. As no one can be elected a senator until he has attained the age of forty, there is a certainty that by the simple operation of mortality among the members there will be every five or six years occasion for an infusion of new blood, so that the constitution of the Senate will be modified, as it were, automatically. In a word, since 1834 Brazil has been an imperial federation of autonomous provinces.

In 1850 the Brazilian Minister at London was talking to the Duke of Wellington about the situation of the Empire and the vitality of the institutions which had enabled it to traverse the stormy period of a ten years' regency during the minority of Dom Pedro. The Duke replied: "Yes, you are right. You ought to be proud of your constitution and your country. I do not know in Europe a single State that would have survived a similar ordeal." The ordeal, however, was by no means terminated by the accession of Dom Pedro, for the first work to which he had to turn his attention was the pacification of the country and the putting of a definite end to the period of anarchy. Serious business this for the youthful Sovereign at an age when his contemporaries were absorbed in cricket and boating; but it was accomplished in less than a decade of the new reign and without the help of either persecutions or executions. The young

Emperor never punished political offences, being always persuaded that the insurgent of yesterday, if mercifully treated, might become the devoted and loyal citizen of tomorrow. He saw, in fact, in the insurgent only a man who had gone astray, and whom it was necessary to lead back to reason. A French author, exiled from Paris in the reign of Napoleon III, writing to Victor Hugo from Brazil in 1859, and speaking of the termination of the insurrection, said that this time there was no place or work for the executioner; that in Brazil for many years there had been no political prosecutions, or State prisoners, proceedings against the Press, conspiracies, nor transportations. Thought was free, and the Press not subject to police supervision, or seizure at the ports or frontiers, nor was it an object of suspicion or espionage. This state of things existed, as the writer went on to point out, because Dom Pedro II had placed his "majesty" not in his prerogative or person but in his character and work; because the public spirit of the country was tolerant, conciliatory, and social; and because Catholicism itself, though the State religion, had neither the power nor the will to persecute or anathematise. This is the testimony of a French Republican who found an asylum in Brazil, and died there in 1860; but an even more eloquent testimony was supplied by the complete emancipation of the slaves by the law of 13th May 1888, as the crowning glory of a movement in this direction which had been going on for many years previous. The Act by which the

emancipation was finally accomplished was, considering its importance, the shortest in the history of human Legislation, and for that reason may be quoted in full. "Article I. Slavery is declared abolished in Brazil from the day of the promulgation of this law. Article II. All contrary dispositions are abrogated". This is an achievement of his reign of which Dom Pedro has more reason to be proud than even of the defeat of many insurrections or of the pacification and unification of the country which has placed it on the high road of progress, and made its Government a model for European admiration. When he comes to celebrate his golden wedding with Brazil he will have a fifty years' record of work to look back upon for which history can offer no worthy parallel. (°)

2 — *Les Livres Nouveaux*
Etudes diverses

Dom Pedro II, empereur du Brésil, par B. Mossé. — Paris, Firmin Didot, 1889. — In-18 de IV-451 Pages, avec portrait, 3 fr 50c.

° * °

Voici l'essai le plus complet qui ait encore paru dans notre langue, sur la vie et l'oeuvre

(°) Graças à gentileza do Senhor N. J. Lamb, professor na seção de Português da Universidade de Liverpool, foi-me possível obter a cópia do artigo sobre a obra de B. Mossé.

de Dom Pedro II. M. Benjamin Mossé ne s'est pas borné à écrire une biographie; il a, comme il convenait, fait un court résumé de l'histoire politique et économique du Brésil depuis l'avènement du prince au trône, c'est-à-dire depuis plus d'un demi-siècle. Il a retracé avec un soin particulier les diverses phases de l'oeuvre capitale de l'empereur, l'abolition de l'esclavage, qui, commencée en 1871 par la loi sur l'émancipation graduelle, aboutit heureusement, par la loi du 13 mai 1888, à une solution définitive.

Un chapitre spécial est consacré à l'étude du beau caractère et à la féconde activité intellectuelle du souverain que l'Institut de France s'honore de compter parmi ses membres correspondants.

(Extrait de *Journal des Débats*, mercredi 7 août 1889)

3 — Histoire

Dom Pedro II, empereur du Brésil, par B. Mossé. Firmin
— Didot — éditeur

Malgré ses préjugés religieux et révolutionnaires, l'auteur rend hommage aux vertus chrétiennes et à l'esprit vraiment libéral de l'Empereur.

En admirant, avec raison, la liberté réelle qui est garantie par le régime de l'administration autonome, provinciale et communale, sous la direction des gouverneurs nommés par l'Empereur, M. Mossé ne se doute pas qu'il fait l'élo-

ge de l'ancien régime de la Monarchie française, tel que Louis XVI l'avait remis en vigueur, dans toutes les provinces, avant 1789.

Ce n'est pas, comme le dit M. Mossé, "les principes immortels" de la Révolution qui ont présidé à l'établissement de la Constitution du Brésil, mais les vieilles coutumes de notre Monarchie: l'indépendance, les libertés communales et provinciales sous la direction et la protection du monarque.

La partie anecdotique tient une large place dans ce volume, qui se lit avec intérêt.

(Extrait de *La Gazette de France*, mercredi 7 août 1889)

ANEXO II

A FÉ DE OFÍCIO DO REINADO

Trata-se de um homem, cuja voz durante cinquenta anos foi sempre em Conselho de Ministros a expressão da tolerância, da imparcialidade, do bem público, contra as exigências implacáveis e as necessidades às vezes imorais da Política. Se chefes de partido disseram que com êle não se podia ser Ministro duas vêzes, foi porque os impediu de esmagar o adversário prostrado. Êle se esforçou dia por dia, sem desanimar, para que os partidos excluíssem da PARTILHA DOS DESPOJOS, na frase americana, os grandes serviços públicos alheios à confiança política como o Exército e a Marinha, a Magistratura e a Polícia, o Culto e a Instrução. Êle pôde dizer com tôda a verdade ao sr. Saraiva aludindo ao programa do Liberalismo adiantado e insistindo com êsse estadista para aceitar o poder: "O senhor sabe que eu nunca fui um embaraço a nenhuma reforma desejada pela Nação". A lista das suas intervenções pessoais no desenvolvimento de nossa civilização de 1840 a 1889 poderia ser feita pelo número dos dias decorridos. De todo êsse

longo período o seu caráter sairía mais ilêso da arguição de patronato, favoritismo, ou causa própria, do que de qualquer dos homens da República dias apenas depois de sua posse.

Na questão da abolição, nem por instinto, nem por impulso, por ser um conservador e não um criador, êle nunca teria feito o que fez sua filha; o que o impedia, porém, de um grande lance heróico não era o amor ao Trono, mas a convicção de que a Monarquia era necessária ao povo brasileiro, e de que abalá-la no momento de fazer uma grande reforma equivalia a inutilizar a única força que podia obstar a reação. A verdade é que a princesa só coube abreviar de três a quatro anos no máximo a liberdade da última série de escravos, ao passo que o Imperador reduziu o prazo da escravidão de séculos, que eram esses três ou quatro anos de agonia. A grandeza do sacrifício da filha aumenta em vez de diminuir refletindo-se que foi feita para poupar, não séculos, porém meses e por último até horas do cativo, a uma raça que já se via livre; mas isso mesmo prova os grandes resultados do Reinado do Pai.

O que, porém, será julgado o traço principal desse caráter do Príncipe é uma tolerância inquebrantável, à prova de todas as tentações e de todos os gravames pessoais, e que por todos os títulos merece o nome de magnanimidade.

O Imperador errou de certo muitas vezes ao julgar os homens, e pode-se dizer mesmo que transigiu com os vícios e as fraquezas dos partidos, escolhendo em diversas ocasiões os menos

dignos, mas fê-lo depois de apontar aos Ministros que a responsabilidade era deles, e fê-lo em escala ínfima relativamente à massa de corrupção, que inutilizou com a sua resistência.

Sòmente para êle é que as opisições apelavam das perseguições do poder.

A História do movimento republicano é sua justificação. Não só êle nunca tentou a virtude dos republicanos como também não consentiu, ainda quando o apêlo revolucionário era feito diretamente à fôrça armada, que se limitasse a liberdade absoluta dos ataques contra o Trono. Nada abalava as duas idéias do Imperador: de que não se devia tocar na Imprensa, e de que as opiniões republicanas não inabilitavam nenhum cidadão para os cargos, que a Constituição fizera só depender do mérito.

Êle deu à opinião um salvo-conduto para penetrar incólume por tôda a parte, porque era do seu interêsse que não houvesse na administração segredos para o país, nem êle precisou nunca do voto das Câmaras para legitimar alguma vantagem que tivesse conferido a si mesmo.

Se o sr. Saraiva teve a sua confiança, foi êle que levou todo o seu reinado a reclamar pureza nas eleições e a impugnar as candidaturas forçadas e pensava só ter conseguido formar aquêle discípulo.

Se a sua indulgência foi inexorável, o seu desinterêsse foi absoluto. Depois de um govêrno em que poderia ter fâcilmente acumulado uma fortuna colossal, se não tivesse em si a consciênciã nacional encarnada, o Imperador só trouxe

dívidas para o destêro. Nem faz honra ao Govêrno Provisório ter acusado êsse homem, que fundou o crédito nacional e defendeu, incorruptível, o patrimonio público durante meio século, de ter aceito no Brasil "a liberalidade" do Govêrno para depois rejeitá-la na Europa por sugestão de outros.

Essa tentativa sinistra para fazer baquear em ponto de desinterêsse a reputação de D. Pedro II será frustrada perante a História pelo testemunho de uma Nação inteira. Em uma época em que as idéias mais puras são pesadas nas balanças da corretagem administrativa, e em que não há aspiração nacional ou necessidade pública de qualquer ordem que não tenha a sua cotação na praça, a tradição que o Imperador deixa deve ser conservada como uma relíquia nacional. Ela poder ser um amuleto contra as economias republicanas, que causam a bancarrota de tantos países.

Sabe bem disso o povo, o qual durante cinquenta anos o encontrou de pé, na galeria de S. Cristóvão ou no Paço da cidade, ouvindo a todos sem enganar a ninguém, superior ao ressentimento, fazendo uma única propaganda: a do renome do Brasil; mostrando uma só aspiração: a de ver os brasileiros de tôdas as opiniões formarem uma só família, para isso, tolerantes, complacentes e justos, uns com os outros. A sua porta esteve sempre mais franca do que qualquer outra no país, e quando se deixava de tratar com êle para falar aos poderosos, todos sentiam que a vaidade da posição começava abaixo do Trono.

Representar um papel destes durante meio século sem sinceridade, teria sido o maior dos disfarces da História, mas ainda assim provaria a superioridade moral do ator, que escolhesse uma tal caracterização. A sua personalidade, porém, foi posta à prova da ingratição e do exílio, e mostrou-se igual a si mesma. De seus lábios ainda não partiu uma queixa contra aquêles mesmos que êle elevou para o derribarem na sua velhice, e não parece lembrar-se que tenha sido em sua terra sinão um Brasileiro como os outros. Não protestou até hoje contra o 15 de Novembro, porque o Brasil não era dêle, êle é que era e é do Brasil.

Para julgar êsse reinado de cinqüenta anos basta dizer que a Revolução não articulou contra o soberano deposto uma só queixa, e compareceu deante dêle sòmente com desculpas. O próprio partido republicano tinha solenemente anunciado um armistício enquanto êle vivesse, e declarado guerra sòmente ao seu sucessor. Semelhante singularidade na história das revoluções dispensa qualquer comentário.

Depois d'ela, o nome do Imperador pôde ser riscado pelos *parvenus* do despotismo, das ruas, da praças, e até dos monumentos e institutos devidos aos seus esforços e iniciativas, como o de um tirano, cuja memória se quisesse apagar.

O que há porém, de mais tocante na sorte de D. Pedro II é ter sido êle assim tratado pelo Exército, êle o unico verdadeiro amigo que o Exército teve em nossa política.

As nössas campanhas só êle as sabia de cor, página por página, quase nome por nome. Não houve um voluntário da pátria que não devesse a êle exclusivamente o cumprimento da promessa nacional feita durante a guerra. Não houve um oficial de mérito, de terra ou de mar, que não lhe devesse o paládio misterioso que protegeu a sua carreira.

O seu apêgo ao território e ao prestígio do Brasil fê-lo passar por vêzes no Rio da Prata como um vizinho incerto, mas não houve mais sincero amigo da paz.

Êle foi “o mais tenaz, o mais dedicado e talvez o mais prudente dos campeões da desafronta nacional”, disse o sr Saraiva, e o mesmo estadista acrescentou, explicando as guerras libertadoras do reinado:

“Fizemos, defendendo os nossos direitos, a liberdade no exterior; Monte-Caseros, Paysandú a Aquidabã exprimem três tiranias baqueadas”.

O Império deixou terminada a questão dos limites com a República Argentina pelo arbitramento dos Estados-Unidos, a mais democrática e americana de tôdas soluções possíveis.

Se o Imperador não a resolveu pela partilha, foi pela repugnância que tinha de transigir com território, que sempre teve por tão legitimamente nosso, como Pôrto-Seguro de Cabral ou Rio de Janeiro de Vespúcio.

É uma das decepções da História que a êsse homem, que durante os cinco anos de guerra do Paraguai foi a personificação do Exército e da Armada nacional, e a quem os nossos generais e soldados feridos levantavam o seu último *Viva* simbólico da immortalidade da Pátria, um Govêrno militar proibisse possuir uns miseráveis bens na terra, que seu pai deu um reino para tornar independente, que êle fez livre e uno, e onde sua filha apagou as últimas divisas do cativoiro.

Não há melhor prova de que a revolução de 15 de Novembro não foi a revolução do soldado nem do marinheiro. Se o movimento interpretasse a alma popular da fileira, um *referendun* unânime teria há muito revogado êsse ato de ingratidão.

Eu receio muito que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o túmulo emprestado ao último representante da nossa Monarquia se reconheça que êle foi sepultado à moda dos heróis antigos, com o que mais caro lhe fôra em vida: a liberdade e a unidade do seu país.

(Do *Jornal do Brasil*)

Extraído da brochura *Agradecimento aos Pernambucanos*, de autoria de Joaquim Nabuco, Londres, 1891 -- V. as referências de Nabuco às notas do Imperador ao dito opúsculo, bem como a íntegra da carta que, a propósito lhe mandou através de Rio-Branco, em *Estadista do Império* ¹, III, 570.



BIBLIOGRAFIA

- FERNANDO AZEVEDO — *A Cultura Brasileira* — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1943.
- BARÃO DE VASCONCELOS E BARÃO SMITH DE VASCONCELOS — *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro* — Imprimerie La Concorde, Lausanne, 1918.
- Contribuição para a Biografia de D. Pedro II* — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo Especial, Rio de Janeiro, 1925.
- A. V. A. SACRAMENTO BLAKE — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* — VII. Rio de Janeiro, 1902.
- ARGEU GUIMARÃES — *Dicionário Bio-Bibliográfico de diplomacia, política externa e direito internacional* — Rio de Janeiro, 1938.
- R. MAGALHÃES JÚNIOR — *Dom Pedro II e a Condessa de Barral* — Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1956.
- BARÃO DO RIO-BRANCO — *Efemérides Brasileiras* — Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1945.
- ALFREDO DA CUNHA — *Elogio Histórico de Sua Magestade o Imperador do Brazil D. Pedro II* — Tipografia Universal, Lisboa, 1893.

- HÉLIO VIANNA — *Estudos de História Imperial* —
 Coleção *Brasiliana*, Cia. Editora Nacional,
 São Paulo, 1950.
- HEITOR LYRA — *História de D. Pedro II* — Co-
 leção *Brasiliana*, Cia. Editora Nacional, São
 Paulo, 1938, 1939, 1940 — 3 vols.
- E. LEVASSEUR — *Le Brésil* — Com a colaboração
 do Barão do Rio-Branco e outros — H. La-
 mirault. Paris, 2.ª edição, 1889.
- VISCONDE DE TAUNAY — *Memórias* — Instituto Pro-
 gresso Editorial, São Paulo, 1948.
- MÁRIO DE BARROS E VASCONCELLOS — *O Barão do*
Rio-Branco — Ministério das Relações Exte-
 riores, Rio de Janeiro, 1954.
- VISCONDE DE TAUNAY — *O Grande Imperador* —
 Cia. Melhoramentos de São Paulo, s/d.
- ROCHA MARTINS — *O Imperador D. Pedro II do*
Brasil — Edições AOV, Porto, 1949.
- AFFONSO CELSO — *O Imperador no Exílio* — Liv.
 Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d.
- O Senhor Dom Pedro II, Imperador do Brazil* —
 Typ. da Livraria Nacional, Porto, 1871.
- MONS. JOAQUIM PINTO DE CAMPOS — *O Senhor*
Dom Pedro II Imperador do Brazil — Typ.
 Ferreira da Silva, Pôrto, 1871.
- ALUÍZIO NAPOLEÃO — *O Segundo Rio-Branco* —
 A Noite, Rio de Janeiro, 1941.
- EDUARDO FRIEIRO — *Páginas de Crítica* — Editôra
 Itatiaia, Belo Horizonte, 1955.
- RAUL DO RIO-BRANCO — *Reminiscências do Barão*
do Rio-Branco — José Olympio, Rio de Ja-
 neiro, 1942.

- ALVARO LINS — *Rio-Branco (O Barão do Rio-Branco)* — José Olympio, Rio de Janeiro, 1945 — 2 volumes.
- AMERICO JACOBINA LACOMBE — *Rio-Branco e Rui Barbosa* — Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1948.
- LAURÊNIO LAGO — *Supremo Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal — 1828-1939* — Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1940.
- BENJAMIN MOSSÉ — *Vida de Dom Pedro II* — Edições Cultura, São Paulo, 1937.
- CARLOS RUBENS — *Vitor Meirelles, -- Sua vida e sua obra* — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
- CARDOSO DE MIRANDA, *D. Pedro II*, Petrópolis, 1943

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- AFONSO CELSO, conde de — 13, 135.
ALBUQUERQUE, (Diogo Velho Cavalcanti de) — V.
CAVALCANTI, visconde de
ALCÂNTARA, Joana de — 13.
ALEMÃO, Francisco Freire — 19.
AMÉRICO, Pedro — 76, 80, 88.
ANDRADA — 64.
ANDRADÁ E SILVA, José Bonifácio de — 64, 66.
AMARAL, Gregório Pecegueiro do — 29.
ANTÔNIO, Dom — 13.
AREIAS, José Carlos de Almeida — v. OURÉM, visconde de
AZEVEDO, Fernando — 134.
- BARBOSA, Rui — 24.
BARLEUS, Gaspar — 41, 112.
BARROS, Carlos Monteiro de — 59.
BARROS, Maria Eugênia Monteiro de — 59.
BAUCH, 77, 79.
BENTHAM — 120.
BERNARDELLI, Rodolfo — 88.
BLAKE, A. V. Alves Sacramento — 134.
BOILEAU — 11.
BRAGA, Osvaldo Melo — 94.
- CABRAL, Pedro Álvares — 132.
CAMPOS, Joaquim Pinto de — 135.
CARVALHO, Alfredo de — 92.
CASTRO, Olegário Herculano de Aquino e — 13, 26, 52, 64.
CAVALCANTI, visconde de — 81.
COHEN, David — 97.

COTEGIPE, barão de - 29, 30, 95.

COUTINHO, dr - 74.

CRULS, Luís - 48.

CUNHA, Alfredo - 134.

DANTAS, Rodolfo E. de Sousa - 31.

DELAGRAVE, Charles - 23.

DEROY, - 79.

DIDOT, Maurice Firmin - 58, 83, 84, 118.

ESTRÊLA, barão da - 81.

EU, conde d' - 8, 13, 31, 32, 49.

FARIA, Manuel Antônio da Rocha - v. NIOAC, conde de
FIGUEIRA, Luís - 18.

FIGUEIREDO, Afonso Celso de Assis - v. OURO PRÊTO,
visconde de

FIGUEIREDO JÚNIOR, Afonso Celso de Assis - v. AFONSO
CELSO, conde de

FONSECA, João Severiano da - 97.

FONSECA COSTA, viscondessa de - 13.

FORTE, José Matoso Maia - 16.

FREYRE, Gilberto - 24.

FRIEIRO, Eduardo - 135.

GAMA, Nicolau Antônio Nogueira do Vale da - v.
NOGUEIRA DA GAMA visconde de

GARCIA, Rodolfo - 17, 66.

GLASSON, Ernest - 69, 72, 87, 98.

GRAHAM, Maria - 66.

GRÃO-PARÁ, príncipe do - 13.

GUILMARÃES, Argeu - 134.

GUSMÃO, Alexandre de - 65.

GUSMÃO, Bartolomeu Lourenço de - 65.

HENNING, Carlos - 13.

HUGO, Victor - 123.

ISABEL, princesa - 30, 49, 94, 96.

- LACOMBE, Américo Jacobina — 8, 43, 136.
LACOMBE, Lourenço Luís — 43.
LAGO, Laurênio — 13, 136.
LAMB, N. J. — 124.
LAMGEROCK, H. — 80.
LEOPOLDINA, Imperatriz — 66.
LEVASSEUR, E. — 17, 50, 62, 63, 70, 74, 98, 135.
LINS, Álvaro — 30, 33, 34, 136.
LOBO, F. L. de Gusmão — 31.
LONGFELLOW, H. W. — 16.
LUÍS, príncipe D. — 13.
LUÍS XVI — 125.
LYRA, Heitor — 135.
- MACALHÃES JÚNIOR, R. — 134.
MANZONI — 16.
MARESCHAL, barão W. von — 65.
MARTINS, Rocha — 135.
MEILI, Julius — 91, 109.
MEIRELES, Vitor — 76, 80, 85, 88, 136.
MELO, Pedro Américo de Figueiredo e — v. AMÉRICO,
Pedro.
METTERNICH, Príncipe de — 66.
MIRANDA, M. A. Cardoso de — 136.
MISTRAL, Frederico — 116.
MONTANUS, A. — 113.
MONTEIRO DE BARROS — condessa de — 59.
MONTEIRO, J. J. de Maia — v. ESTRÊLA, barão da
MOSSÉ, Benjamim — 25, 51, 118, 120, 124, 125, 126, 136.
MOTA MAIA, conde de — 13, 70, 94, 108, 113, 116.
MURITIBA, barão de — 13.
- NABUCO, Joaquim — 31, 94, 110, 133.
NABUCO, Maurício — 24.
NAPOLEÃO III — 123.
NAPOLEÃO, Aloysio — 16, 135.
NERY, M. J. de Santana — 23, 48, 82.
NIOAC, conde de — 35, 36, 51, 89, 90.
NOGUEIRA, M. A. T. — 98.

- NOGUEIRA DA GAMA, visconde de — 84.
 NORTON, James — 99.
- ORTIGÃO, Ramalho — 78, 79.
 OURÉM, visconde de — 61.
 OURO-PRÊTO, visconde de — 32, 95.
- PARANAGUÁ, marquês de — 26.
 PEDRO AUGUSTO, príncipe Dom — 13.
 PINHEIRO, José Feliciano Fernandes — 64.
 PÔRTO-SEGURO, visconde de — 65.
 PRADO, Eduardo — 82.
 PRÉSENCÉ — 16.
- RAMIZ, barão de — 8, 10, 12, 48.
 REBOUÇAS, André — 13.
 RIO-BRANCO, Hortensia Hamoir do — 7.
 RIO-BRANCO, Raul do — 35, 36, 135.
 RIO-BRANCO, visconde do — 50, 31, 52, 102, 104.
 RIO-BRANCO, viscondessa do — 40.
 ROBERT, Charles — 81.
 RODRIGUES, João Barbosa — 19, 56.
 RODRIGUES, José Honório — 113.
 RUSSELL, Charles — 86.
- SABÓIA, visconde de — 48.
 SANTANA NERY, barão de — 23, 48.
 SÃO LEOPOLDO, visconde de — 64.
 SARAIVA, José Antônio — 127, 132.
 SCHNEIDER, L. — 98.
 SÉGUIN — 116.
 SEYBOLD, C. Fritz — 13, 15, 52, 73.
 SILVA, J. Bernardino Paranhos da — 78.
 SMITH DE VASCONCELOS, barão — 134.
 SOUSA, Lucinda Alves de — 43.
 STEVENS, Marie — 28.
- TAUNAY, Afonso d'E. — 15.
 TAUNAY, visconde de — 15, 20, 56, 74, 135.
 TEFÉ, barão de — 48.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de — v. PÔRTO-SEGURO,
visconde
VASCONCELOS, Mário de Barros e — 134, 135.
VELOSO, José Maria da Conceição — 62.
VESPÚCIO, Américo — 132.
VIANNA, Hélio — 134.
WELLINGTON, duque de — 65, 122.

INDICE GERAL

NOTA PRÉVIA	7
APRESENTAÇÃO	9
CORRESPONDÊNCIA	45
I — Do Imperador ao barão do Rio-Branco — 24-IV-89	47
II — Do b. do Rio-Branco ao barão de Ramiz — 25-IV-89	48
III — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 26-IV-89	52
IV — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 28-IV-89	53
V — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 8-V-89	54
VI — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 11-V-89	55
VII — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 26-V-89	55
VIII — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 28-V-89	56
IX — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 7-VI-89	57
X — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 7-VI-89	67
XI — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 13-VII-89	74
XII — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 27-VII-89	76
	145

XIII	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 3-VIII-89	79
XIV	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 10-VIII-89	83
XV	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 10-VIII-89	85
XVI	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 16-VIII-89	86
XVII	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 25-VIII-89	87
XVIII	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 7-XII-89	88
XIX	— Do conde de Nioac ao b. do Rio- Branco — 8-XII-89	90
XX	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 4-I-90	91
XXI	— Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 18-II-90	93
XXII	— Do b. do Rio-Branco ao Conde d'Eu — 6-III-90	94
XXIII	— Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 16-III-90	97
XXIV	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 3-VI-90	97
XXV	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 22-VII-90	100
XXVI	— Do Imperador ao b. do Rio Branco — 24-VII-90	101
XXVII	— Do Imperador ao b. do Rio Branco — 27-VIII-90	102
XXVIII	— Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 10-IX-90	103
XXIX	— Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 11-IX-90	104
XXX	— Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 15-IX-90	105
XXXI	— Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 2-XII-90	106

XXXII — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 6-XII-90	107
XXXIII — Do Imperador ao b. do Rio Branco — 30-XII-90	107
XXXIV — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 24-XII-90	108
XXXV — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 29-XII-90	109
XXXVI — Do b. do Rio-Branco ao Imperador — 29-I-91	110
XXXVII — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 6-II-91	111
XXXVIII — Do Imperador ao b. do Rio-Branco — 12-VI-91	112
XXXIX — Do barão do Rio-Branco ao Imperador — 6-VII-91	113
XL — Do barão do Rio-Branco ao Imperador — 15-VII-91	114
XLI — Do barão do Rio-Branco ao Imperador — 13-IX-91	115

ANEXOS

I BIOGRAFIA DO IMPERADOR	119
Do <i>Liverpool Daily Post</i> — 14-VIII-1889	119
Do <i>Journal des Débats</i> — 7-VIII-1889	125
Da <i>Gazette de France</i> — 7-VIII-1889	126
II A FÉ DE OFÍCIO DO REINADO — (J. Nabuco) ...	127
Bibliografia	134
Índice onomástico	139

★

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A
COMPANHIA EDITORA NACIONAL,
EM 1957

★



DOM PEDRO II

(Original em poder de Miguel de Rio-Branco)



O BARÃO DO RIO-BRANCO

Fotografia tirada por J. Lloyd, Southport, quando o Barão era
cônsul em Liverpool — Original em poder de Miguel do Rio-
Branco

o Sr. Imperador

Carta do Imperador ao Sr. Imperador
e Sr. Imperador
Margem, junctando oures de elle
gato, e um trabalho sobre a lingua
dos Indigenas do Brasil, que eu re-
vi, ~~escrito~~ ^{feito} pelo Sr. Teófilo,
meu mestre de linguas orientaes.
Se for possível, mande imprimir
50 exemplares d'esse artigo a parte,
no ~~melhor~~ ^{melhor} papel ~~encadernado~~, como sabem
fact-a os ingleses.

Ainda uma vez lhe rei que este ar-
tigo é bom serviço á nossa patria,
e folgo de que elle seja devido ao
filho de Rio-Branco.

Recebo neste instante seu tele-
grama e attore que o artigo possa
ser publicado ~~na obra~~ na obra com
a nossa cooperacão.

D. Pedro d'Alcantara

Petropolis, 26 de Abril de 1839

Carta do Imperador ao barão do Rio-Branco sôbre o
artigo Brésil da Grande Encyclopédie.

(Original em poder de Miguel do Rio-Branco)

Pie - Branco

Foro de Chamal. o assim. Mi
vae mais trabalho puz a tiragem
a' parte de Artigo - Brasil. e
une escripta m^{to} interessante de
Barbosa Rodrigues sobre a lingua
geral dos cabochos. Fy-lhe algu
mas notas.

Parce-me que assim ficari com
pleto - ou ao menos nos termos
mas que representam, embora
l'appetit vient en mangeant -
o leninho, com que o Senhor fu
ra' bom presente a nossa Ter
ra.

Adey! Quando, houve ^{alg} qualquer
publicação interessante manda
m'la por minha conta, e atende
do - se com a legacia retativa
a' despesa.

Com muito affeição
~~de~~
Petrópolis 26 de Maio de 1889

Carta do Imperador do 26 de maio de 1889, remetendo
contribuições para a publicação *Le Brésil*.

(Original em poder de Miguel do Rio-Branco)



Senhor

Excmo. Sr. Visconde de Souza Magalhães, General mil
perdeu pela demora de cartas que apanhou ao ponto
hoje que Visconde Magalhães me fez, a que se a não
de quanto tempo de trabalho de penitência de
Visconde Magalhães. Já se sabe estado de saúde
tempo muito notavelmente de trabalho, de tanto
que sempre no 3.º e 6.º hora do manhã
e para tanto expõe insuportavelmente por pouco
a saúde e a vida de provas que não obtemos
de diferentes cartas e as da viagem a parte do
Brasil, as que não começaram a ser enviadas
do tempo de estar em Paris o livro de Brasil e 1879
que o Comitê franco-brasileiro de homenagem ao
Visconde e ao biographia de Visconde Magalhães,
que entretanto tem a obra de edição de
dilatou para que a volume possa ficar propo-
to no dia 12 de corrente, as de outros biographias
e geographias referencias ao Brasil
que redigi para o VIII volume do Brazil
para, finalmente, as provas do fôlego
de onde contém do biographia comemorativa do

Primeira carta dirigida pelo barão do Rio-Branco dire-
tamente ao Imperador — (7 de junho de 1889).

(Original no arquivo do Museu Imperial)

- 1884



Senhor

11

Por este mala tenho a honra de dirigir a
Vossa Magestade Imperial um exemplar, um
preço em papel do Japão, da obra "D. Pe-
dro II, Empereur du Brésil". É uma expe-
dição feita de M. Maurice Firmin Didot,
a qual entregue me fechada a inclusa
carta para Vossa Magestade. Só foram
tirados tres exemplares em papel do Japão
este de Vossa Magestade, um segunda
que os editores se ofereceram, e o terceiro,
de M. Maurice Firmin Didot

Os jornais se têm assegurado do livro,
e se vai encontrando grande circulação gra-
ças ao nome de Vossa Magestade. Como
a liberdade de de incluir aqui uma
noticia do Journal des Débats e outra
do Journal de Paris.

Carta do barão do Rio-Branco ao Imperador, de 10 de
agosto de 1889 remetendo um exemplar da obra
D. Pedro II, Empereur du Brésil.
(Original do arquivo do Museu Imperial)



Senhor.

Depois de ter expedido hoje uma carta a
Vossa Magestade vim à officina de
Photogravura e encontrei prontas
mais dez provas de vistas do Brasil
que agora tenho a honra de remetter
a Vossa Magestade

Creio de ver tambem o clichê do
quadro de Victor Meirelles - Batalha
naval de Riachuelo - Parece estar muito
bom

Perçoza repeticamente a mão de
Vossa Magestade Imperial a
Se

Muito humilde, obediente e grato
dito

Barão do Rio-Branco

Rio, 10 de Agosto de 1889

Carta do barão do Rio-Branco ao Imperador sobre os
trabalhos de elaboração da 2.^a edição de *Le Brésil*.
(Original no arquivo do Museu Imperial)

Indications de service.

1508

en caractères romains par l'appareil télégraphique, le premier du bon d'origine est un numéro d'ordre, le second indique autres désignent le date et l'heure de dépôt.

responsabilité de service de la correspondance prise par la télégraphie. (Loi du 29 novembre 1830, art. 6.)

Timbre à date

Pour _____ de _____ N° _____ Mois _____ Dépôt le _____ à _____ h. _____ m. _____ s.

1889

DEPART DE LA SEINE

BOULEVARD CHEZ M. LUCAS, 100, RUE DE LA VILLE, PARIS

(Palavras do Imperador a meu respeito, hoje 8 de dezembro de 1889)

Telegrama de 8 de dezembro, contendo as palavras do Imperador acêrca da permanência do barão do Rio-Branco na carreira.

(Original em poder de Miguel do Rio-Branco)

F. 1000

Excmo.
S. M. I.
S. M. I.



Letter R 1001

debe muito desistir para escrever a
 Vossa Magestade Imperial e muito tam-
 bém compeço. Agora mesmo e com o
 tema de dificuldade que tenho de pensar
 e em tal estado de abatimento que
 não comparo a Vossa Magestade e não
 sei escrever. Estive em Paris com o
 Conde de Nivelle, a quem já havia es-
 crito, e de viva voz repeti o pedido
 que em carta lhe fizera de ajudar
 por uma semana e muitas vezes a
 Vossa Magestade de assegurar-
 lhe que os meus sentimentos de
 dedicação e reconhecimento não
 cessam de acompanhar os meus. Muito

Carta do barão do Rio-Branco ao Imperador em 7 de
 dezembro de 1889 sobre a sua situação.
 (Original no arquivo do Museu Imperial)

que grandes encargos de familia
me não deixem a liberdade de at-
cões em outros, mais felizes ou me-
nos felizes, poderem. Vozes
gestão de me perderei e não ter ido
a ti sobre, e a qualquer dia que
directamente ou por intermédio de
Conde de Nival me mande
palavra de perdão que eu de al-
gum conforto, pois nunca a traves
sei deis tão cruéis.

Amãhã aigo para a Inglaterra
onde cheguei ha dias para ver
o mes doente. A Typographia
Lalme remettera amanha a Vo

Carta de 7 de dezembro de 1889.

nao se reportar as folhas completas
do Prelim. Dedicat. e do album de
outas. Comece com a ser brachada
os primeiros exemplares e os que re-
dentinam no Vozes Margentista utis
no emendernadi. No segundo pre-
jaci ha referencia a Vozes Marg-
gentista.

Roga a Vozes Margentista a
digne de receber os prototypos do
proprio respecto e dedicat. com
juntado a honra de ser



De Vozes Margentista de Lopez
omito humilte e grato e
Paris, 7 de dezembro de 1889

Carta de 7 de dezembro de 1889.

LE BRÉSIL

E. LEVASSEUR

PROFESSEUR AU COLLEGE DE FRANCE ET DE CONSERVATION DES ARTS ET METIERS

Avec le concours de

MM. de Rio-Branco, Eduardo Prado, d'Ourém,
Henri Gerreix, Paul Maury, E. Trombadori et Szabolcszi.

(Extrait de la GRANDE ENCYCLOPÉDIE)

DEUXIÈME PARTIE

Illustrée de Gravures, Cartes et Graphiques.

APPENDICE

Par son M. Glanville, membre de l'Institut

ALBUM DE VUES DU BRÉSIL

Publié avec le concours

M. de Rio-Branco.



Publié par le Syndicat Franco-Brazillien de l'Exposition Universelle de Paris en 1889

PARIS

H. LAMIRAULT ET C^{ie} ÉDITEURS

81, RUE DE SÈVRES

1889

Frontispício da 2.^a edição de *Le Brésil*.

Mrs. - Branco

Ainda não recebi os vultos
exemplares, mas desde já
lhe agradeço o modo por que
satisfiz meu desejo. Sinto que
apenas de meus esforços, não
tenha eu podido concorrer para
o Complemento de seu tra-
balho. Ao que diz de meu
reino, ^{tenha a voz} acompanhando de
minha Consciencia, do aceren-
tado que busquei cumprir
o meu dever, e que mesmo
de longe sempre me esfor-
cei por contribuir para
a prosperidade de nos-
sra Patria. Assim Deus me de
vid e fortifique minha saúde.
Perem-me a miude e dê-me
noticia do que lhe parecer me
interessar na Inglaterra.

Carta do Imperador de 18 de fevereiro de 1890 acêrca
publicação do Le Brésil. Original em poder de
Miguel do Rio-Branco

Después de recibir os exemplares
de la obra de la Federación de los
trabajadores en ocasión de
testimoniar. Me quanto sea
e deru sempre

Seu muito affeccionado

J. Pedro Martin
Carnes 18 de Fevereiro de 1890

Recebo agora os exemplares
de la obra de la Federación de los
trabajadores. Muito e
muito obrigado.

18151
2185
9254



Senhor 1891

Pido licença para oferecer a Vossa
Majestade Imperial a edição peque-
na de Baerl (Barleus), que Vossa
Majestade me diz não conhecer.
Remetto a hoje pelo correio. Toda
a matéria da edição grande está
reunida n'esse pequeno volu-
me. Saltam apenas os mapas
e gravuras, que não poderiam
ser reproduzidos n'esse for-
mato.

Passo que a Vossa Magestade
seja agradável de ler algumas
das paginas d'esse livro, no
tom latino do exemplar tal

Carta do barão do Rio-Branco ao Imperador, de 15
de julho de 1891, oferecendo um exemplar pequeno
de Barleus.

(Original no arquivo do Museu Imperial)

London.

Fazendo votos pelo prompto e com-
pleto restabelecimento da saúde
de Vossa Magestade, beija-lhes
respeitosamente a mão, não o

de Vossa Magestade

real

Muito humilde e cogado

do ambalado

Francisco de Paula Branco



Paris, 15 de junho de 1871.